

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio De Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

MATEUS ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

SÃO PAULO
2021

MATEUS ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

**EDUCAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Artes, Universidade Estadual
Paulista, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciado em Música.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Margarete Arroyo

SÃO PAULO
2021

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

O48e	Oliveira, Mateus Albuquerque de, 1999- Educação Musical Através da Contação de Histórias / Mateus Albuquerque de Oliveira. - São Paulo, 2021. 63 f. Orientadora: Prof.^a Dra. Margarete Arroyo Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Música - Instrução e estudo. 2. Música na educação. 3. Arte de contar histórias. 4. Aprendizagem. I. Arroyo, Margarete. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 780.7
------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

MATEUS ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Artes, Universidade Estadual
Paulista, como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciado em Música.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 26/11/2021

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Margarete Arroyo
Universidade Estadual Paulista — Orientadora

Prof.^a Dra. Daisy Alves Fragoso Galvão
Universidade Estadual Paulista

RESUMO

A oralidade sempre foi o principal meio de comunicação do ser humano. E sabe-se, também, que a contação de histórias está presente no cotidiano das crianças, seja em ambiente familiar ou escolar. Pensando nisso, este trabalho busca despertar nos educadores o interesse na integração da educação musical e da contação de histórias ao longo do processo de aprendizagem das crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e mostrar a importância e os benefícios dessa articulação entre elas. O objetivo central presente neste trabalho é entender as possibilidades dessa integração entre a música e a contação de histórias e como fazê-la. Para tomar consciência da utilização da contação de histórias na escola, utilizou-se questionários para entender o que os educadores pensam sobre o assunto. Também houve entrevistas com especialistas da área — contador-músico e músico-contador. Foram utilizados quatro livros infantis para exemplificar o planejamento de atividades musicais durante a contação dessas histórias. As análises de todo esse material permitiram que pudéssemos entender que é possível utilizar a contação de histórias como ferramenta pedagógico-musical.

Palavras-chave: Educação musical; contação de histórias; ferramenta pedagógico-musical.

ABSTRACT

Orality has always been the main means of communication for human beings. And it is also known that storytelling is present in the everyday life of children, whether in family or school environment. That said, this work seeks to awaken in educators the interest for the integration of music education and storytelling throughout the learning process of children in Kindergarten and Elementary School and show the importance and benefits of this articulation between them. The aim of this paper is to understand the possibilities of this integration between music and storytelling and how to accomplish it. To become aware of the use of storytelling in school, questionnaires were used to understand what educators think about the subject. There were also interviews with experts in the field — a storyteller-musician and a musician-storyteller. Four children's books were used to exemplify the planning of musical activities while telling these stories. The analysis of all this material allowed us to understand that it is possible to use storytelling as a pedagogical-musical tool.

Palavras-chave: Musical education; storytelling; pedagogical-musical tool.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Nuvem de Palavras “O que é contação de histórias?”	20
Figura 2 — Capa do Livro “Um dia, um rio”	33
Figura 3 — Nariz rosado e patinho	35
Figura 4 — Maquiagem e figurino	35
Figura 5 — Adaptação do ocean drum	36
Figura 6 — Adaptação das unhas de lhama	37
Figura 7 — “Eu era melodia...”	38
Figura 8 — Rompimento da barragem	38
Figura 9 — Capa do livro “Eu”	41
Figura 10 — Capa do livro “Beto, o carneiro”	44
Figura 11 — Capa do livro “O gigante”	47
Figura 12 — Termo de consentimento — Entrevistas	63
Figura 13 — Partitura — Eu era melodia... ..	65
Figura 14 — Partitura — Carneirinho, Carneirão	66
Figura 15 — Esboço da capa	67
Figura 16 — Esboço da contracapa	67
Figura 17 — Esboço do capítulo <i>Colocando em prática a contação de história dos livros infantis</i>	68
Figura 18 — Esboço do desenvolvimento do capítulo <i>Colocando em prática a contação de história dos livros infantis</i>	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Homens X Mulheres	56
Gráfico 2 — Especialistas X Polivalentes	56
Gráfico 3 — Há quanto tempo trabalha como educador?	57
Gráfico 4 — Trabalha atualmente como educador?	57
Gráfico 5 — Nível de Ensino	58
Gráfico 6 — Pública X Privada	58
Gráfico 7 — Costuma contar histórias?	59
Gráfico 8 — A prática musical está presente no dia a dia dos alunos dos entrevistados?	59
Gráfico 9 — É possível integrar música e contação de histórias?	60
Gráfico 10 — Termo de consentimento	60

LISTA DE QR CODE

QR CODE 1 — A nossa contação do livro "Um dia, um rio"	64
QR CODE 2 — Entrevista - Projeto de contação "Um dia, um rio"	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	14
3. POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?	16
4. LEVANTAMENTO DE DADOS	18
4.1 - Questionários	18
4.2 - Entrevistados	21
4.2.1 - Ana Luísa Lacombe	22
4.2.2 - Angelo Mundy	25
5. LER OU CONTAR HISTÓRIAS?	29
6. COMO CONTAR HISTÓRIAS	30
7. COLOCANDO EM PRÁTICA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DOS LIVROS INFANTIS	33
7.1 - Um dia, um rio	33
7.2 - Eu	41
7.3 - Beto, o carneiro	44
7.4 - O Gigante	47
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8.1 Trabalhos futuros	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55
APÊNDICE A — ROTEIRO DOS QUESTIONÁRIOS	55
APÊNDICE B — GRÁFICOS DOS QUESTIONÁRIOS	56
APÊNDICE C — TERMOS DE CONSENTIMENTO — QUESTIONÁRIOS	61
APÊNDICE D — ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	62
APÊNDICE E — TERMO DE CONSENTIMENTO — ENTREVISTAS	63
APÊNDICE F — CONTAÇÃO DO LIVRO <i>UM DIA, UM RIO</i>	64

APÊNDICE G — PARTITURA — EU ERA MELODIA	65
APÊNDICE H — PARTITURA — CARNEIRINHO, CARNEIRÃO	66
APÊNDICE I — ESBOÇO DO CADERNO DE APOIO	67

1. INTRODUÇÃO

Em maio de 2019 fui convidado por Rebecca Seiko¹ para participar de um projeto de contação de histórias. O livro utilizado neste projeto foi o *Um dia, um rio* de Cunha e Neves (2016). Após algumas reuniões e discussões sobre como dar vida para esse livro, decidimos que o melhor caminho a se seguir seria através da narração oralizada e da experiência sonora pela musicalização do livro. Em outubro do mesmo ano realizamos a primeira contação de histórias do projeto em questão.

E foi através desse projeto que comecei a me interessar e pesquisar sobre a contação de histórias. Em conversas informais com alguns outros colegas educadores musicais e polivalentes², descobri que a contação de histórias é uma atividade corriqueira no dia a dia das crianças do Ensino Infantil. Mas será que isso só ocorre na “minha bolha” ou outros educadores também se utilizam dessa ferramenta comumente? A partir disso, surgiram outras indagações: Será que é possível trabalharmos a contação de histórias como ferramenta pedagógico-musical? Se sim, como utilizar a contação de histórias para promover o aprendizado de música? Mas o que é contação de histórias? E como podemos realizá-la?

Tentando buscar respostas para essas questões encontrei alguns artigos e trabalhos sobre a contação de histórias e a música, mas percebi que essa é uma área que ainda tem muito a ser explorada.

Para elucidar, o termo “contação de histórias” a qual me refiro está diretamente relacionado à contação de histórias performática e não apenas à leitura de histórias. Contação de história como arte. Neste caso, além da leitura, há uma imersão na narrativa, fazendo o uso de ferramentas como a música (tanto na ambientação sonora, em canções etc.), fantasias, apresentação de imagens, dança e outras infinitas ferramentas.

Durante a elaboração do projeto de pesquisa para este trabalho, analisei outros três que trazem a relação entre contação de histórias e educação musical. O primeiro trabalho analisado foi *A contação de história como recurso didático no ensino de música* de Portes,

¹ Rebecca Seiko Moreira Iyama é graduada em Produção Audiovisual pela Universidade Paulista (UNIP) e em Letras com habilitação em inglês na Universidade de São Paulo (USP). É pesquisadora pelo Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas na USP na área de Literatura Infantil, bem como estagiária no Programa de Acolhimento ao Estudante Cotista - PAECO da Universidade de São Paulo. As áreas de atuação correspondem ao ensino de Literatura Infantil para o Ensino Fundamental I. Email: rebeccaseikoiyama@gmail.com

² De acordo com o dicionário online Priberam, polivalente é aquele “que tem várias funções ou utilidades diferentes”. Sendo assim educadores polivalentes, são os professores generalistas de classes de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental.

Muller e Neto (2013). Esse artigo é um relato de experiência de estagiários do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Algumas partes do texto me trouxeram para um lugar reflexivo e comecei a pensar sobre as diferenças entre contar uma história e representar uma história, como quando um aluno protagonista da história começa a reger os sons durante a “contação de história”. Uso aspas por não entender esse tipo de atividade como contação de história, e sim como uma representação de história. Claro que pode haver uma interação do público — as crianças — na realização da contação, porém, sempre cuidando para não romper as barreiras entre a contação de histórias e a representação de histórias. Mas, afinal, qual é o limite em que a contação de histórias passa a ser uma representação?

A seguir, analisei *A contação de história como ferramenta pedagógica musical: um relato de experiência* de Nunes e Silva (2009). Como no artigo anterior, esse texto utiliza relatos de experiência de estudantes do curso de Licenciatura em Música, mas, dessa vez, os estudantes são do Instituto Federal do Sertão Pernambucano - Campus Petrolina. Ao contrário da proposta descrita no artigo anterior, aqui, além da representação, há a contação de histórias. Utilizando a história *Cachinhos Dourados e os Três Ursos* e músicas dos grupos musicais *Grandes Pequeninos* e *Turma do Tio Marcelo*, os diálogos foram transformados em melodias e sons, para que pudessem ser reproduzidos pelos instrumentos musicais utilizados durante a prática. E, para trazer um ar mais lúdico, foi criado um tapete “mágico” que “roubava” a capacidade de fala das personagens presentes na história, fazendo com que a única forma de se comunicar fosse através do som dos instrumentos musicais. Como podemos perceber no texto, além dos contadores de histórias, havia também atores, que serviam como ferramenta para a contação de história, que muito se assemelha ao teatro narrado. Sendo assim, podemos perceber que a utilização de palavras “atores” e “contadores” foram muito bem colocadas.

O próximo texto que analisei está presente em uma parte do livro *Música na educação infantil* de Brito (2003). Seu título é *Sonorização de histórias*. A autora nos dá exemplos de como utilizar a voz, sons do corpo e de objetos para sonorizar uma história. Esse é um momento muito oportuno para trabalharmos a exploração sonora e a infinidade de sons que conseguimos obter numa sala de aula com as crianças, por exemplo. A pesquisa dos materiais sonoros a serem utilizados na história é um trabalho que pode — e que, prioritariamente, seja — realizado em conjunto com as crianças, desde que elas já tenham maturidade para tal. Brito (2003) ainda nos mostra outras de como trabalhar a sonorização de histórias através dos

instrumentos musicais. A primeira forma é usar os instrumentos como ferramenta para a sonorização da história. Para isso, assim como nos sons anteriores (voz, sons do corpo e de objetos), é imprescindível que haja uma exploração sonora, preocupando-se em como soa cada instrumento das mais variadas formas de tocar para assim adaptá-los na história. Para crianças que ainda não possuem o desenvolvimento para acompanharem a sonorização da história, o próprio contador pode ser encarregado de apresentar os sons da história. Nesse ponto, eu discordo da autora, pois acredito que é importante estimular o fazer sonoro com as crianças independente da faixa etária. A segunda maneira descrita é a utilização dos instrumentos como ferramenta para o desenvolvimento de um trabalho como uma improvisação ou composição musical, ou seja, os materiais sonoros representam as personagens da história, não na forma de sonoplastia, mas como personagens em si. A história passa a ser uma espécie de roteiro para o fazer musical, como se fosse uma partitura para uma orquestra. Nesse caso, devemos lembrar que a sonorização é apenas mais um recurso para a contação de histórias.

A intenção deste trabalho é despertar o interesse e mostrar a importância e os benefícios de vincular o trabalho da contação de histórias com a música, bem como o trabalho da educação musical através da contação de histórias.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contar histórias é um ato atemporal. Segundo consta no artigo *Reflexões sobre a arte de contar histórias* de Santos (2020), se voltarmos à linha do tempo da nossa história, vamos perceber que a estória — e até mesmo a história³ — sempre esteve presente conosco. O ser humano sempre narrou os acontecimentos que ocorreram durante seu cotidiano: contavam suas experiências nas caçadas, narravam sobre os fenômenos da natureza como a agricultura, como fazer fogo, e até mesmo eventos sobrenaturais, para que assim pudessem se organizar como sociedade. Não há certezas sobre a oralização desses seres humanos da era paleolítica, mas podemos confirmar que, de alguma forma, havia essa troca de saberes e narração de eventos, como podemos perceber através das pinturas rupestres. E muito antes da escrita, a oralidade era — e ainda é — a principal forma de comunicação. Ong (1988, p. 16) nos confirma:

Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, habitat natural da linguagem, para comunicar seus significados. "Ler" um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou na imaginação, sílaba por sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia. A escrita nunca pode prescindir da oralidade. (ONG, 1988, p. 16)

Através da comunicação oral foi possível transmitir ensinamentos à comunidade, explicitar os acontecimentos, além de ser utilizada como entretenimento, assim como a própria contação de histórias. De acordo com Santos (2019, s/p),

[...] a arte de contar histórias é uma prática milenar que tem se mantido até os dias atuais, utilizada para compartilhar experiências e de entender o mundo que nos cerca, como também utilizada para repassar costumes, crenças, hábitos, a cultura e o modo de viver de diferentes povos. (SANTOS, 2019, s/p)

Sendo assim, podemos considerar que o contador de histórias sempre teve uma função muito importante na sociedade por ser o responsável por manter viva a memória da comunidade.

³ A utilização dos termos *estória* e *história* se deram, de acordo com o artigo *estória ou história?*, pelo motivo de, respectivamente, diferenciação da narração de contos ou histórias ficcionais e da narração de fatos sociais, políticos, culturais e religiosos.

Percorrendo por toda essa linha do tempo da contação de histórias, nos deparamos com diversos “contadores de histórias”, em diferentes territórios do globo terrestre. De acordo com Zumthor (1993), em *A letra e a voz*, havia nomenclaturas dessemelhantes em cada lugar para essas pessoas que oralizavam as histórias, fossem elas poemas, jograis, monólogos ou trovas. Para os gregos, esse contador de histórias era chamado de rapsodo; na África, de *griot*; para os celtas, bardo; o autor também fala sobre os trovadores na Europa e os *rakugokas* no Japão.

Ainda em *A letra e a voz*, Zumthor (1993) menciona que existem três tipos de oralidade: a oralidade primária e imediata, na qual não há contato com a escrita; a oralidade mista, cuja influência da escrita não influencia diretamente; e a oralidade secundária, em que a escrita é utilizada como um recurso para além da voz e do imaginário. O contador de histórias é, então, um orador primário, tendo como ponto de vista o receptor da oralidade. Contar e ouvir histórias é fundamental, pois essa ação desperta e desenvolve nossa imaginação, nossa oralidade e mantém nossa história viva, como dito por Busatto (2005, p. 13): “histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade”.

A concentração do saber em textos teve consequências ideológicas. Em virtude de sua atenção dirigida aos textos, os estudiosos muitas vezes passaram a presumir, com frequência irrefletidamente, que a verbalização oral era essencialmente idêntica à escrita com a qual normalmente lidavam, e que as formas artísticas orais eram, para todos os efeitos simplesmente textos, salvo o fato de não terem sido registradas por escrito. Criou-se a impressão de que, distintas do discurso (governado por regras retóricas escritas), as formas artísticas orais eram fundamentalmente desajeitadas e indignas de estudo sério. (ONG, 1998, p. 18)

3. POR QUE CONTAR HISTÓRIAS?

As crianças são introduzidas no mundo das histórias desde pequenas, seja por conto de fadas ou até mesmo filmes, bem antes de aprenderem a ler ou irem para a escola. Não podemos negar que as histórias nos permeiam desde que nos entendemos por gente. Sendo assim, podemos nos aproveitar desse momento em que contamos histórias para trazer um conhecimento além de apenas entretenimento.

Em *Literatura infantil: gostosuras e bobices*, Fanny Abramovich (1997) apresenta alguns argumentos sobre *a importância das histórias*⁴. Segundo seu discurso, a história desperta o imaginativo, a descoberta do mundo, como o bem e o mal, e a identificação pessoal, na qual os sentimentos começam a ser aflorados, pois a história, ainda para Abramovich (1997, p. 17) é “ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário”. Mas ao mesmo tempo que a história está presente no imaginário, ela também está na realidade. Ela permite descobertas de “outros lugares, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17), e assim é possível conhecer a ciência de uma forma mais descontraída, ou sem a cara de uma sala de aula.

Franz Kreüther Pereira, em *A magia da tradição oral: o contador de histórias*, expressa um raciocínio semelhante ao de Fanny Abramovich quando relata as descobertas causadas através da história:

A leitura deve servir para que se possa ampliar os referenciais de mundo, e não para um acúmulo de informações. Para acumular informações existem os computadores. E para abrir caminho à leitura, nada é melhor do que ouvir histórias contadas pelos antigos, pelos avós; os “causos” sucedidos com os mais velhos, as novelas míticas tão cheias de magia e encantamento. Contar histórias não é só uma arte que guarda as tradições culturais de um povo, é compartilhar informações de caráter social, lições de moral e costumes, além de fornecer subsídios para uma educação informal. (KREÜTHER, 1998, s/p)

Na escola é muito importante que o educador se utilize da contação de histórias, pois, como afirma Góes,

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na

⁴ *A importância das histórias* é a primeira parte do capítulo de abertura *Ouvindo histórias*, do livro *Literatura infantil: gostosuras e bobices*, de Fanny Abramovich.

infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição. (GÓES, 1997, p. 18)

4. LEVANTAMENTO DE DADOS

4.1 - Questionários

Durante o período de 18 de maio e 01 de junho de 2021, foi aplicado um questionário para que eu pudesse saber um pouco mais sobre o que os professores e professoras polivalentes pensam a respeito da educação musical e contação de histórias. Como já foi dito anteriormente, esse trabalho foi pensado para a criação de um material de apoio que possa servir aos professores polivalentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Também houve respostas de professores de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. No total, 39 educadores responderam esse questionário. O roteiro do questionário está disponibilizado no Apêndice A.

Após a devolutiva dos questionários, foram feitas análises e criação de gráficos, que estão disponíveis no Apêndice B para melhor visualização e entendimento das respostas. A primeira parte foi destinada às perguntas quantitativas, para conhecer melhor os entrevistados pelo questionário.

A primeira delas perguntava o nome do educador. Com isso, obtive o resultado de que a maioria dos educadores entrevistados são mulheres, mais precisamente 35 mulheres e 4 homens. A próxima pergunta realizada foi importante para sabermos se o público alvo — professores polivalentes — realmente participou da pesquisa, então perguntei: “Você trabalha como educador polivalente ou especialista⁵?”. À essa pergunta, 69,2% responderam que são educadores polivalentes, enquanto os outros 30,8% se encaixam como professores especialistas. Não perguntei sobre a área de atuação desses especialistas. Achei que fosse importante também saber há quanto tempo essas pessoas atuam na área da educação, e se ainda trabalham nesta área. 94,9% dos entrevistados responderam que ainda trabalham como educadores, em contrapartida 5,1% não estão trabalhando atualmente como educadores. O tempo de trabalho na educação varia entre 1 a 33 anos de profissão.

As próximas respostas mostram em qual nível de ensino esses educadores trabalham ou trabalhavam. Aqui precisamos levar em consideração que alguns dos entrevistados trabalham em mais de um nível de ensino: 8,5% responderam Ensino Médio, 10,2% Ensino Fundamental II, 32,2% Ensino Fundamental I e 49,2% Ensino Infantil. Também perguntei se

⁵ Os educadores especialistas “planejam e gerenciam todo o processo de desenvolvimento da aprendizagem, da disciplina de sua responsabilidade”. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, s.d.)

os professores entrevistados trabalham em escolas públicas ou privadas, e 71,8% responderam que lecionam na rede pública e 28,2% na rede particular.

A partir desse ponto começamos a entrar com mais profundidade no tema *Educação musical através da contação de histórias*. A primeira pergunta estava ligada diretamente à contação de histórias: “Você costuma/costumava contar histórias para seus alunos?”. A maior parte dos entrevistados respondeu que sim, contabilizando 92,3% das respostas, os outros 5,1% e 2,6% representam, respectivamente, “Às vezes” e “Não”. A seguir, perguntei se a prática musical está presente no dia a dia de seus alunos. Não tenho informações se esses alunos possuem aulas regulares de música na grade curricular: 26 respostas foram “Sim”, 10 foram “Às vezes” e apenas 3 foram “Não”. E, para finalizar as perguntas que podem ser quantificadas, perguntei aos educadores se eles acham que é possível integralizar a educação musical com a contação de histórias, e, dos 39 educadores entrevistados, apenas 1 pessoa respondeu “Talvez”. Não houve respostas “Não”.

Para a segunda parte do questionário, foram utilizadas perguntas qualitativas para entender o que os entrevistados pensam sobre a contação de histórias e sua integração com a educação musical. Comecei perguntando “O que é contação de histórias?”. Apesar de cada resposta ser diferente da outra, por se tratar de perguntas dissertativas, pude perceber algumas semelhanças entre cada uma delas. Analisando essa pergunta, defini palavras-chave para cada uma das respostas, não necessariamente uma para cada resposta, mas de acordo com o texto de cada um. *Imaginação* foi a palavra que apareceu mais vezes nas respostas, com um total de 11 vezes, seguido por *lúdico* (5 vezes), *leitura*, *arte* e *mágico* (4 vezes cada uma), *conhecimento*, *narração*, *emoção*, *oralidade*, *criatividade*, *vocabulário* e *literatura* (2 vezes cada uma), *interpretação*, *teatro*, *ouvir*, *diversão*, *entretenimento*, *emoções*, *desenvolvimento infantil*, *criação*, *alimento*, *fantasia*, *transmissão*, *oral*, *descontração*, *ensinar*, *reflexão*, *sentimentos*, *alfabetização*, *sentidos*, *escuta*, *linguagem*, *transformação* e *viagem* (1 vez cada palavra). Para ilustrar essas palavras-chave criei um infográfico⁶, no qual quanto maior o número de vezes que a palavra se repete, maior o seu tamanho.

⁶ O infográfico utilizado foi o “nuvem de palavras”, criado através do site *Word Art*. Disponível em: <<https://wordart.com/>>. Acesso em: 22 set. de 2021.

Figura 1 — Nuvem de Palavras “O que é contação de histórias?”



Fonte: Elaborado pelo autor através do site *Word Art*

A seguir, pedi que os entrevistados justificassem suas respostas sobre a integração a contação de histórias com a música, buscando entender, a partir das jornadas pessoais de cada entrevistado, como se daria essa integração caso a resposta fosse positiva. Também pedi uma justificativa caso a resposta fosse indecisa ou negativa. Para analisar essa pergunta, também achei palavras-chave em cada uma das respostas. Separei, ainda, essas palavras-chave em seis seções:

Abertura

atenção - usar a música como recurso para chamar a atenção das crianças;

ludicidade - através de brinquedos e brincadeiras lúdicas trabalhar ritmos, pulsação, etc;

associações - as crianças se lembram da história com mais facilidade e fazem associações com outras coisas;

introdução - introduzir a história através da música.

Memória

marcador - usar a música como marcador de ritmo e emoção;

repertório - criação de memórias significativas como experiência de aprendizagem e construção de repertório.

Contando a música

transformando em música - transformar a história em música;

análise - trabalhar a análise de letras de músicas;

contar a música - usar a história de músicas;

referências - trazer músicas que dialogam com a história.

Sonorização da história

sonorização - trabalhar a sonorização das histórias;

instrumentos personagens - utilização de instrumentos musicais como voz da personagem.

Exploração

exploração sonora - explorar os sons de instrumentos tradicionais ou não convencionais através da sonorização;

sons - não trabalhar apenas com o instrumento, mas também os sons dos corpo, a sonoridade e intensidade da voz;

entonação - mudar a voz cada vez que é a fala de uma personagem;

tema musical - utilizar um tema musical na contação de histórias.

Texto

som das palavras - usar as palavras como recurso musical;

textos musicados - utilizar textos que exploram a sonoridade e rima das palavras.

4.2 - Entrevistados

Para essa parte do levantamento de dados entrei em contato com duas pessoas que trabalham, direta ou indiretamente, com a contação de histórias e a música para responderem algumas perguntas sobre o tema. A primeira entrevistada foi Ana Luísa Lacombe, contadora de histórias que utiliza a música como um recurso para suas contações. A entrevista foi realizada, remotamente, através da plataforma *Google Meet*, no dia 25 de maio de 2021. A segunda entrevista foi realizada no dia 26 de maio de 2021, e também se deu conforme os moldes da anterior. O entrevistado foi Angelo Mundy, que por sua vez conta histórias através

de suas músicas, que são voltadas para o público infantil. O roteiro das entrevistas está disponível no Apêndice D.

4.2.1 - Ana Luísa Lacombe

Ana Luísa Lacombe estudou as quatro linguagens da arte desde cedo. Começou seus estudos na dança, fazia sapateado, ballet clássico e jazz, mas por entender que havia “começado tarde” na dança, resolveu estudar música. Tocava violão, mas ainda não tinha se encontrado inteiramente por “não ter ouvido” para música, então novamente decidiu mudar de área. A seguir, entrou no curso de Artes Visuais na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), e após dois anos decidiu trancar o curso e prestar vestibular para Artes Cênicas. Ana já estudava teatro no Tablado enquanto estava na PUC, e por já trabalhar na área optou por cursar Cenografia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Durante a turnê de um espetáculo que estava participando, foi para São Paulo e acabou morando ali. Em 1992, juntamente com outros atores que tocavam e cantavam, criou o grupo Cenas In Canto, e ficaram juntos por doze anos fazendo teatro musicado com roteiros próprios e músicas do repertório popular brasileiro. Após o término do grupo, Ana Luísa iniciou seus estudos e sua carreira na contação de história. Depois do sucesso da montagem de seus dois primeiros espetáculos, Ana criou a companhia de teatro narrativo Faz e Conta. Ela também escreveu livros e gravou CDs. Foi professora de Narração de Histórias da Pós-Graduação em Educação Musical na Faculdade Cantareira e na Pós-Graduação em Abordagens Poética, Literária e Performática da Arte de Contar Histórias na Faculdade de Conchas (FACON). Atualmente é professora e coordenadora do Curso de Formação de Contadores de Histórias da Biblioteca Municipal Hans Christian Andersen. Recentemente concluiu sua licenciatura em artes visuais.

Lacombe traz o tema da partitura da voz falada como área de pesquisa, e discute sobre ele em seu livro *Quanta História Numa História*:

Quando eu contava histórias, muitas pessoas perguntavam se eu tocava algum instrumento. Às vezes eu não estava nem tocando, mas pela forma como eu contava as pessoas vinham me perguntar se eu estudava música. Então eu pensei: “tem alguma coisa na minha voz, na forma como eu conto, que carrega um pouco de musicalidade, embora eu esteja falando e não cantando”. E aí eu comecei a refletir sobre isso: a voz falada, a voz cantada, o que é uma partitura de voz falada, como se amalgamam uma partitura da

voz falada com uma partitura de voz cantada, e como isso compõe uma grande suíte composta de palavras e música, onde uma entra na outra sem ter uma interrupção. - Ana Luísa Lacombe

A primeira coisa que Ana colocou quando perguntei sobre o que é a contação de histórias foi o uso do termo “contação de histórias”. Segundo a entrevistada, o termo que ela prefere utilizar é o “narração de história”:

Não sei se dá pra definir, mas eu prefiro usar o termo “narração de histórias”. No termo “contação” há controvérsias, mas não recuso. Acho que a língua é viva e esse termo já faz parte do nosso vocabulário e não tem como recusá-lo. Mas no meu caso é por uma questão de gosto, eu acho mais bonito. - Ana Luísa Lacombe

Continuando sua resposta sobre o que ela acredita que seja contação de histórias, Ana define a contação de histórias como uma expressão. Ela também segmenta a contação de histórias em duas vias: a contação da tradição oral e a contação artística.

É uma expressão. Eu acho que existe a narração, que pode estar no ambiente da educação ou que pode ser de pai pra filho, e a narração artística, que é quando o artista se apropria dessa linguagem e a usa como ferramenta de expressão, assim como a dança, o teatro e as artes visuais. Então eu acho legal diferenciar essa narração artística assim como no teatro: o teatro que o professor faz com seus alunos na sala de aula não é a mesma coisa que uma expressão artística de um ator que pesquisa. É o exercício. É a experimentação dessa linguagem. E é aqui que eu me coloco. Então eu acho que é uma forma de expressão artística que prescinde de qualquer recurso. - Ana Luísa Lacombe

Ela ainda diferencia a contação de histórias do teatro:

O que diferencia a narração de histórias do teatro? Porque o teatro pode ser um cara sentado num banquinho de calça jeans e camiseta, e é teatro, sem cenário, nem nada. É que na narração é você que tá lá. Não tem personagem nenhum. É você contando uma história com muita apropriação sobre ela, na terceira pessoa, ou até mesmo na primeira pessoa. Mas quando a gente coloca na primeira pessoa, se não foi com a pessoa que está contando já vai indo pra outro lugar, já vamos para o lugar do teatro, porque o narrador é você. A história é a protagonista e o narrador está atrás da história. A história passa por dentro do narrador. Não que a história não passe por dentro do narrador, mas a história está na frente dele: se a pessoa sair de lá (narração ou peça) só lembrando da história e não lembrar muito bem quem narrou tá tudo certo! Agora, se a pessoa sai do teatro, não lembrando muito a história,

mas impactada por uma expressão de um ator, por uma carga, um talento, uma apropriação do personagem, ele também cumpriu o seu papel, porque contar a história não depende só dele, depende de todos os recursos que estão ali envolvidos. Teatro é ação. Narração é contar o que já aconteceu. - Ana Luísa Lacombe.

Acredito que existe um limite entre a contação de histórias e o teatro, e que na contação o mais importante é a história e não o contador. Mas discordo quando ela diz que a narração de uma história fictícia em primeira pessoa ultrapassa os limites da contação, entrando no teatro. Esse assunto será retomado no próximo capítulo *Ler ou contar histórias*.

A seguir, conversamos sobre a possibilidade da integração da contação de histórias com a música. Ana conta que durante a preparação de suas contações ela já pensa no ritmo, na voz e nos ruídos saindo de sua boca e de seu ukulele. Ela também adverte que é necessário ter uma escuta mais crítica sobre o que colocar na contação:

Cada coisa que você coloca tem que ter um espaço dentro da história para que as coisas possam acontecer. Então eu acho que pra botar música na história, você tem que ter uma escuta para o que você está produzindo, em termos de fala, sonoridade e canções. E costurar isso com essa escuta. - Ana Luísa Lacombe.

Ela segue dizendo que a contação de histórias, mesmo que não haja música, tem sua musicalidade por natureza. Ana nos traz novamente a ideia da partitura da voz “Acho que para contar história tem que ter muita escuta, porque a [contação] é uma partitura da voz falada. E mesmo que você não coloque música, para mim, isso já é música. Tem ritmo e melodia”

A entrevistada ainda aconselha que é importante que você conheça bem sua voz e descubra “qual a sua melodia”: “Reconhecer isso: qual a tua melodia? E como você pode brincar com ela? Porque uma vez que você reconhece, você brinca. Quando você não reconhece, você não pode brincar sobre o desconhecido”

Finalizando a entrevista, Ana conta que acredita que a música e a contação de histórias possuem um vínculo de irmandade, por sempre, ao longo da história, andarem juntas:

Essas duas linguagens (música e contação de histórias) sempre estiveram juntas, desde os menestréis, desde os ritos iniciáticos, quando os caras cantavam na fogueira. Muita história e muita música ritualística — e a dança também — era tudo meio misturado. Depois que a gente foi colocando cada

arte no seu quadrado. E acho que é legal demais juntar as duas coisas. Acho que elas são muito irmãs. - Ana Luísa Lacombe.

4.2.2 - Angelo Mundy

Angelo Mundy começou seus estudos na música no Conservatório Santa Cecília com 9 anos de idade, e aos 13 se formou tocando piano. Após isso seguiu seus estudos musicais no violão e começou sua prática na capoeira, seguindo como capoeirista até hoje. Aos 16 anos, no ensino médio, conheceu seus colegas que, posteriormente, formariam o grupo Tiquequê. Durante esse período o grupo fazia eventos em festas infantis. Ao mesmo tempo, ele estudava palhaçaria no projeto Chá de Cadeira que tinha parceria com os Doutores da Alegria. Nesse projeto conheceu Flora, com quem trabalha em parceria, atualmente, no grupo Mundo Aflora. Durante essa época também estudou teatro no Grupo TAPA (Teatro Amador Produções Artísticas). Ao sair do ensino médio já ingressou na faculdade de Letras na USP, onde se graduou em Línguas e Literatura, com habilitação em Português e Inglês. Segundo o entrevistado, a universidade potencializou seu encantamento pela educação. Aos 23 anos, entrou na Escola Viva como estagiário, passou a auxiliar de classe e saiu como professor polivalente. Saindo da Escola Viva e interessado na ocupação de espaços públicos, começou a pesquisar e praticar uma educação não institucional e não diretiva. Juntamente com outros colegas que tinham esse mesmo pensamento, criou uma rede de aprendizagem chamada Barro Molhado, rede essa que tinha como objetivo criar ambientes relaxados e respeitosos para as trocas de saberes e experiências, envolvendo crianças e adultos. Em paralelo com o Barro Molhado, trabalhou como professor de música na escola Espaço Brincar. Em 2020, foi contratado no colégio Oswald de Andrade como professor de música.

Conversando sobre contação de histórias, Angelo diz que não se considera um contador de histórias: “Eu não sou um contador de histórias. Nunca me formei. Acho que nunca fiz um curso, mas já tive muitas conversas e participei de eventos”.

Sobre a contação de histórias ele diz: “A gente vive de histórias. Tudo que nós fazemos é porque tem uma narrativa por trás. A gente conta pra gente mesmo a cada dia nossa própria história. A gente reconta ela.”

Em meio a suas reflexões às provocações presentes nas perguntas da entrevista, Angelo pensa sobre o papel do contador de histórias na sociedade:

Agora, qual é a figura do contador de histórias? Eu acho que é uma pessoa que é uma mistura de curandeiro — médico — e uma pessoa que conduz. Conduz a nossa alma, conduz alguma coisa da nossa inteligência, da nossa percepção, para dentro da gente mesmo, para dentro de um corpo de imaginação e de memórias. (...) Eu também acho que o contador de histórias é um guardião da memória — dessa memória coletiva. Ele é um elo entre eu e a comunidade a qual eu pertenço, à cultura a qual eu pertenço. Um guardião que está e se coloca a serviço dos outros — e daí a ligação com o curandeiro. - Angelo Mundy.

O entrevistado segue falando, ainda, sobre o contador de histórias como um comunicador, e já começa a trazer elementos da relação entre a contação de histórias e a música: “Ao mesmo tempo que é um guardião, é um comunicador. Eu acho uma arte, uma função muito nobre. E a gente sabe que a música é uma forma de contar a história, de promover esse contato.”

Completando seu raciocínio, Angelo conclui que as histórias projetam imagens na nossa mente, e que outra função do contador é despertar essas imagens: “As histórias também despertam imagens dentro da gente e muitas vezes são imagens que a gente já traz com nós mesmos, o contador de histórias só desperta um pouco isso. E acho que a música faz a mesma coisa.”

Essa foi a deixa para entrar na próxima questão, na qual ele pôde contar suas reflexões sobre a ligação entre a música e a contação de história “Eu comecei a pesquisar isso, ainda no Tiquequê, justamente com essa pergunta: é possível contar histórias através de canções? Nós até esboçamos um espetáculo, que no fim não criamos, mas que era sobre cantar e contar.”

Angelo diz que “a contação de histórias entra como uma ferramenta, e acho que tem várias — várias! — possibilidades”. Falando sobre a contação de histórias como ferramenta pedagógico-musical, o entrevistado exemplifica algumas possibilidades de como trabalhar. Ele conta sobre o projeto de uma das turmas para qual leciona aulas de música. Um projeto sobre Adoniran Barbosa, que se deu início quando uma das crianças da turma sugeriu a música *Tiro ao Álvaro*.

Então eu olho para essa música e penso: “essa música foi criada num contexto e tem uma história”. Então vou procurar entender: qual é a história que essa música está contando? Por que ele fala “tiro ao Álvaro”? Quem é o Álvaro? Por que ele fala trocando o “L” pelo “R”? Qual é a história do Adoniran? O que está por trás dessa música? E aí eu sinto que a contação de histórias pode entrar nesse momento pra ajudar a trazer essas imagens do contexto. - Angelo Mundy.

Ele dá exemplos sobre como criar essas imagens através da contação de histórias, ainda pensando no projeto Adoniran Barbosa: “Você pode inventar uma história sobre um italiano (pai do Adoniran Barbosa), que chegou no Brasil, plantava café e teve um filho... Você vai trazendo elementos do contexto da música.”

Outro ponto defendido por Angelo foi a importância de não desconectar o contexto da música na educação musical, de conhecer os contextos culturais:

Quando a gente fala de Brasil: conhecer uma música indígena, de um povo indígena, conhecer um pouco mais sobre aquela cultura, sobre a visão de mundo, sobre onde que a música é usada. Isso tudo faz parte da educação musical. Não é só aprender a cantar e ficar feliz cantando. Não é. A educação musical é muito mais que isso. Acho que tem a ver com uma formação crítica das crianças. - Angelo Mundy.

Continuando seus pensamentos sobre como integrar a música e a contação de histórias, Angelo diz que outra forma para conseguir essa integração é através da sonorização de histórias:

A gente começa a ligar o mundo dos sons com o mundo dos sentimentos e das atmosferas. Então a gente pega uma história que eles conheçam e que tenha uma estrutura que a gente possa contar a história. E aí, na segunda vez, a gente vai tentar usar a música como um apoio para os sentimentos que a gente quer criar para as imagens. A gente cria ou conta uma história e tenta criar uma paisagem sonora: “Era uma vez Chapéuzinho Vermelho, e quando ela entrou na floresta...”, aí vem uma paisagem sonora de floresta, ou até uma música que remeta a paisagem sonora da floresta, mas que não seja literalmente a paisagem sonora, mas para onde os sons levem a gente um pouco para esse clima, para essa atmosfera... - Angelo Mundy.

O último exemplo é de não contar história com palavras, e fazer o caminho inverso. Por exemplo, o *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev, e a partir da escuta as crianças deverão escrever uma história.

Finalizando a entrevista, Angelo diz que contar histórias é um ato frequente e cotidiano. E que contamos histórias para atribuir significado às coisas.

Eu tenho uma xícara que ganhei no Colégio Oswald, que diz: “educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”, do Paulo Freire. E aí eu fico pensando nisso: “impregnar de sentido” — quando a gente fica colocando um sentido no que a gente faz. Eu acho que as histórias tem muito isso: elas ajudam a gente a encontrar um sentido para o que existe. Às vezes

até criar um sentido, porque às vezes as coisas não têm sentido. (...) E eu sinto que contar histórias tem a ver com conduzir processos internos de criação de sentido. Eu quero me lembrar mais de contar histórias, porque a gente vê que é uma coisa da nossa base. É muito fundamental. A criança se conecta imediatamente. - Angelo Mundy.

Ele termina sua reflexão sobre a contação de histórias e a música. Seu discurso vai ao encontro com o pensamento de Lacombe:

A arte da contação de histórias é uma arte da oralidade. Então é uma arte ligada à escuta e não à escrita. Ela não é uma arte da visão. A contação de histórias e a música são irmãs. Talvez elas sejam até irmãs gêmeas. É bonito isso que as duas tratam de escutar. - Angelo Mundy.

5. LER OU CONTAR HISTÓRIAS?

Há diversas formas de contar histórias, seja ela por música, filme, literatura, teatro, pintura, dança, enfim. Afinal, contar histórias é apenas ler histórias?

Apesar de haver uma diferença entre ler e contar uma história, há lugar para as duas, tanto no ambiente escolar como familiar, e é muito importante que ambas sejam realizadas, como já discutimos no capítulo 3. De acordo com Grossi (2014), a leitura de histórias é aquela em que a voz do narrador não interfere ou muda nada que está escrito no texto, mantendo a fidelidade em todas as estruturas linguísticas e escolhas vocabulares do autor. Em contrapartida, temos a contação de histórias como algo além de apenas leitura. Porém, o contador pode escolher preservar ou alterar o texto de acordo com a interação do público que está lidando. Sendo assim, o contador pode incrementar diversos elementos extras para compor a contação de histórias como incorporar a interpretação, fantasias, danças, imagens e música, trazendo mais energia e vigor à história.

Podemos, também, diferenciar a contação de histórias da encenação e teatralização da história. Existem diversos elementos que mostram essa diferenciação, a principal delas é a quarta parede⁷. Busatto exemplifica:

O ator conta com diversos suportes técnicos, como a iluminação, a qual cria uma barreira espacial; a trilha sonora, que auxilia na criação de diferentes atmosferas; a réplica dos outros atores, que talvez seja a grande marca da arte cênica, já que é ela que estabelece o jogo entre dois ou mais sujeitos em cena. Mesmo no monólogo, com a presença solitária do ator no palco, encontramos sinais visíveis que o diferencia da contação de histórias, como a concepção de um personagem que é representado com veracidade e o uso desses elementos cênicos que propõe o distanciamento da platéia. (BUSATTO, 2005, p. 24)

⁷ De acordo com um artigo disponível no site da SP Escola de Teatro a quarta parede “é uma divisória imaginária situada na frente do palco que separa os atores da platéia, que observa tudo o que está acontecendo em cena de forma passiva.” (**O que é a “quarta parede”?** SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco. São Paulo, 28 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-quarta-parede>>. Acesso em: 24 ago. 2021.

6. COMO CONTAR HISTÓRIAS

Penso em narrador e contador de histórias. De acordo com Benjamin (1985), em *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, presente no livro *Magia e técnica, arte e política*, o narrador está cada vez mais se distanciando do leitor, no nosso caso, do ouvinte. Por outro lado, o contador tem o objetivo de recriar a história juntamente com o público ouvinte.

Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais. Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele. (BENJAMIN, 1985, p. 197)

Busatto (2005, p.25) segue a mesma linha de raciocínio e diz que na narração “quanto mais perto o público do narrador, mais pessoal e particularizada fica a narração. Somente esse detalhe já muda a atuação do artista, seja ele o contador de histórias, o ator ou o bailarino.”

Levando isso em consideração, podemos colocar a mão nos livros e organizar nossas ideias para realizar a contação de histórias.

Em seu artigo *Reflexões sobre a arte de contar histórias*, Santos (2020) lista quais são as habilidades necessárias ao contador de histórias:

Apreciar, ouvir e observar

Santos (2020) afirma que antes de contar histórias, é necessário apreciar as histórias, ou seja, perceber todas as nuances presentes nas contações como as formas de narrar, a entonação, os ritmos, as expressões e materiais utilizados, como algum instrumento, fantoches, figurino, etc.

Criar um repertório

Seguindo para a próxima recomendação, ela conta que é importante criar um repertório de histórias. Manter ou criar o hábito da leitura de livros — no nosso caso, livros de literatura infantil — é indispensável para a criação desse repertório. Podemos, também, basear-nos em histórias que fazem parte da nossa memória, como aquelas histórias contadas quando éramos crianças pelos pais ou avós.

Apropriar-se da história

O próximo passo é escolher uma história. E além de escolher, é preciso ter conhecimento de cada detalhe da história para que ela se desenvolva de uma forma mais natural e fluida. Também devemos lembrar que é importante escolher histórias que abordam “temas relacionados aos interesses do espectador, despertando-lhe prazer e sentimentos que poderão levá-lo à reflexão e ao interesse por outras histórias” (SANTOS, 2020). Abramovich (1997, p. 20) também deixa bem claro que “antes de ser lido para as crianças, o livro precisa ter sido lido pelo narrador”.

Ter clareza da intenção

É necessário que o contador tenha uma intenção na hora da contação, desde o motivo por que escolheu a história, como ela será contada, os interesses, idade e gostos literários do público e o contexto em que a história será contada.

Planejar

Esse é o momento em que devemos colocar todas nossas ideias no papel. É importante lembrar de pensar em todos os detalhes como a voz, entonação, olhar, expressão corporal, e também outros recursos como cenário, objetos, efeitos sonoros, etc. Quais idéias são factíveis e irão funcionar melhor na história? O que você precisará providenciar para a contação? É importante lembrar que você não precisa fazer tudo sozinho. Por exemplo, a minha primeira experiência com contação de histórias aconteceu através de um convite da Rebecca Seiko, para que eu pudesse criar uma ambientação e trilha sonora.

Interagir com o espectador

Contação de histórias é interação. Machado diz que

o contador não pode ter a expectativa de “silêncio absoluto” ou querer antes de mais nada “contar a história até o fim”, do modo como a preparou, “custe o que custar”. Estar presente no instante da narração é dialogar com o que surgir, sem ter sido previsto, revertendo os acontecimentos a favor da história. (apud SANTOS, 2020, s/p)

Praticar

E, por fim, quanto mais se pratica mais suas habilidades vão se aprimorando.

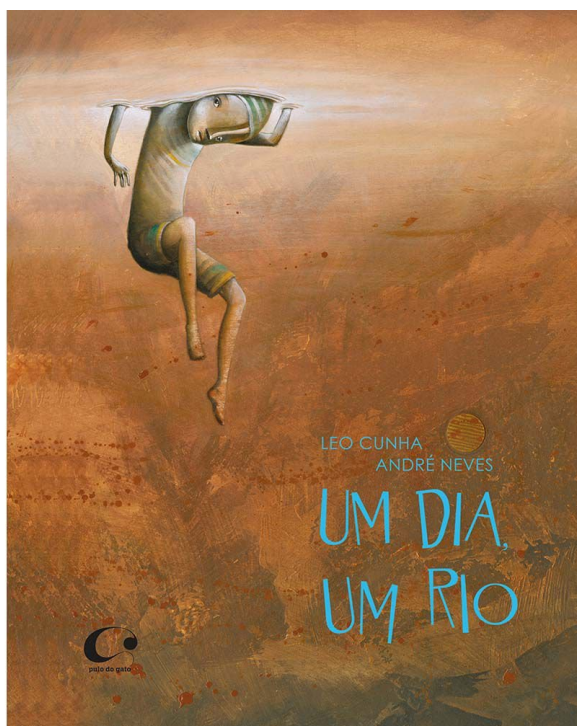
Outro ponto observado por Abramovich (1997, p. 21) sobre o qual podemos pensar é: de que forma a história irá começar? Às vezes, um clássico “Era uma vez...” basta, mas é fundamental que você vá segurando a atenção do ouvinte desde o início. E, sem ter pressa para terminar, curta o momento da contação e tenha um final especial, como ela exemplifica: “E assim acabou a história. Entrou por uma porta e saiu por outra, quem quiser que conte outra...”. Para as histórias contadas pelos livros é importante lembrar às crianças que elas estão impressas e que podem ser revisitadas a qualquer momento, quando quiserem.

7. COLOCANDO EM PRÁTICA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DOS LIVROS INFANTIS

Depois de algum tempo pensando qual dos — infinitos — livros infantis eu traria para esse trabalho, escolhi quatro títulos: *Um dia, um rio* (CUNHA, 2016), *Eu* (TATIT, 2014), *Beto, o carneiro* (MACHADO, 2010) e *O gigante* (MUNDY, 2015). O intuito desse capítulo é exemplificar como podemos utilizar a contação de histórias como ferramenta pedagógico-musical.

7.1 - Um dia, um rio

Figura 2 — Capa do livro “Um dia, um rio”



Fonte: CUNHA, 2016

Escolhi esse livro por ser o primeiro livro que contei. Como exposto na introdução, essa contação veio de uma parceria com a Rebecca Seiko, na qual fui convidado para trazer elementos musicais para a história. Em maio de 2019 escrevemos um projeto de contação para o SESC Guarulhos onde explicamos um pouco sobre o livro, nossas intenções e como ocorreria a contação em si. *Um dia, um rio* (CUNHA, 2016) abrange uma temática

socioambiental, mais precisamente sobre o rompimento da barragem no município de Mariana, em Minas Gerais, ocorrido em 5 de novembro de 2015. O livro é escrito em forma de poema, e o rio é ilustrado e representado por André Neves como um garotinho.

Quando a Rebecca me convidou para participar da contação de história do livro *Um dia, um rio*, comecei a pensar em como ambientar o livro, tendo em vista que ele se passa num rio. Então procurei instrumentos que remetessem aos sons da água para criar essa ambientação. Também procurei algumas partes específicas do livro em que pudesse encaixar músicas para ter uma maior imersão na história. Pensando nisso eu compus uma música, para violino solo — que é tocada no clímax da história —, além de utilizar outras músicas já existentes para compor a ambientação da contação.

Quando realizamos a contação presencialmente — no SESC Guarulho e no Colégio Parthenon —, nós queríamos que houvesse uma integração entre nós, as crianças e a música, então todos os instrumentos que utilizamos durante a contação ficaram expostos e disponíveis para que as crianças pudessem brincar, experimentar e nos ajudar durante toda a história.

Em dezembro de 2020 tivemos nosso projeto de contação desse livro aprovado pela Lei Aldir Blanc de apoio à cultura do município de Osasco, no estado de São Paulo. Por conta da pandemia da Covid-19 tivemos que mudar algumas coisas na contação. A começar pelos instrumentos. Como os instrumentos que a gente usava nas contações presenciais eram emprestados, tivemos que adaptar os materiais sonoros que precisávamos utilizar. E para completar o time, convidamos o Thiago Albuquerque e Renato Albuquerque para ajudarem na parte musical. O link para a contação de *Um dia, um rio* está no Apêndice G, juntamente ao vídeo *Entrevista - Projeto de contação "Um dia, um rio"*, na qual contamos sobre o processo aqui descrito.

Como estávamos em dupla, decidimos que cada um seria responsável por uma parte da história como contador. Eu fiquei com a primeira parte, onde o rio ainda estava limpo, e a Rebecca, com o rio poluído após a quebra da barragem. Pensamos também que essa referência seria mais notada através de maquiagem e figurino. Tons azuis para o rio limpo e tons terrosos para o rio sujo. A maquiagem foi baseada nas ilustrações do livro, como o nariz rosa bem marcado, além de representar algumas escamas de peixe pelo rosto. Alguns dos acessórios utilizados também foram referências das ilustrações de André Neves.

Figura 3 — Nariz rosado e patinho na cabeça



Fonte: CUNHA, 2016, s/p

Figura 4 — Maquiagem e figurino



Fonte: Arquivo pessoal

Como disse anteriormente, começamos procurando instrumentos que representam os sons de água. Para isso usamos o *ocean drum*⁸, o pau de chuva⁹ e as unhas de lhama¹⁰. Você pode usar sua imaginação para adaptar esses instrumentos, como fizemos na contação online: para substituir o *ocean drum* usamos uma forma de bolo e milho de pipoca, e para as unhas de lhama usamos um penduricalho de pimenta esculpido em madeira. Essa sonorização aquática estará presente em praticamente toda a história de maneira contínua.

Figura 5 — Adaptação do *ocean drum*



Fonte: captura de tela do vídeo *Entrevista - Projeto de contação "Um dia, um rio"*. Disponível em:

<<https://youtu.be/sNpgIc5EzK0>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

⁸ *Ocean drum* significa “tambor do oceano” (tradução nossa). É um instrumento de percussão que produz sons semelhantes aos das ondas do mar. Semelhante a um pandeiro grande, sem os pratinhos e com pele em cima e embaixo, dentro dele há algumas contas de metal.

⁹ O *pau de chuva* é um instrumento percussivo indígena. “É composto por um material longo e oco, como a madeira, com pregos ou palitos fixados no seu interior. Por dentro, tem sementes que, ao movimentarem-se, criam ruídos semelhantes ao som da chuva”. (BORGES, Jenniffer. Casa de Ideias - Espaço Pedagógico Virtual do MIS/SC. Governo de Santa Catarina) Disponível em: <<https://www.cultura.sc.gov.br/downloads/mis/2703-casa-de-ideias-1-versao-pau-de-chuva>>. Acesso em: 11 out. 2021.

¹⁰ A *unha de lhama* também é um instrumento percussivo indígena, são literalmente unhas de lhama, alpacas e/ou ovelhas, dispostas em um pedaço de tecido andino.

Figura 6 — Adaptação das unhas de lhama



Fonte: captura de tela do vídeo *Entrevista - Projeto de contação "Um dia, um rio"*. Disponível em: <https://youtu.be/sNpgIc5EzK0>. Acesso em: 05 ago. 2021.

A organização dessa contação será a mesma que utilizamos nas outras apresentações.

Um rio,
Cama de canoa
Espelho da lua,
Caminho de peixe,
Carinho de pedra.

Minha dança colore os mapas,
Meu canto refresca as matas.
Minhas veias irrigam florestas,
Alimentam o cerrado,
Aliviam o sertão.

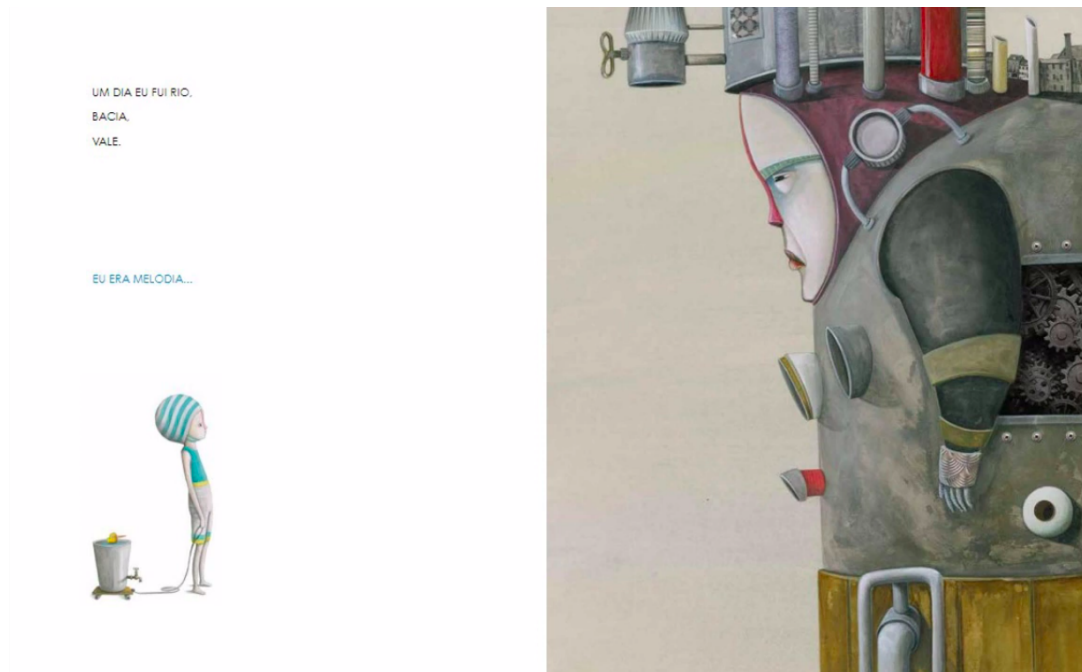
Corri por entre tribos,
Povoados,
Gentes.

Enchi de casos os pescadores,
De lembranças os viajantes,
De encantos os menestréis.

Um dia eu fui rio,
Bacia,
Vale.

Eu era melodia...
(CUNHA, 2016, s.p.)

Figura 7 — “Eu era melodia...”



Fonte: CUNHA, 2016, s/p

Após essa última frase entrei com a melodia que criei no violino, que está disponível no Apêndice H. Enquanto tocava, a próxima página era apresentada para as crianças e o “rio triste” começava a jogar lixos em mim (como bolinhas de papel, latinhas de refrigerante, etc).

Figura 8 — Rompimento da barragem



Fonte: CUNHA, 2016, s/p

Meu leite virou lama,
 Meu peito chumbo e cromo,
 Minhas margens, tristeza.

Eu era doce,
 Hoje sou amargo

Minha aldeia mora submersa dentro de mim.
 Com lágrimas de minério, vou sangrando até o mar.

Eu fui um rio, um dia.
 (CUNHA, 2016, s.p.)

Esse é o momento em que o tempo para na contação, a música vai se dissipando e fazemos algum tempo de silêncio: “Hoje eu sou silêncio.” (CUNHA, 2016, s/p). Após essa pausa, é a vez da Rebecca tomar o volante da contação, como “rio triste”. A ambientação sonora vai se retomando aos poucos.

Na margem de cá,
 Eu tive uma escola,
 Um campinho.
 Ouvia os gritos das crianças,
 O trote dos cavalos,
 O apito do trem.

Na de lá,
 Tive uma praça,
 Uma igreja,
 Um sino,
 Uma noiva.
 Ouvia o canto das lavadeiras,
 As festas de domingo.
 (Ibid)

Nesse trecho da história continuamos brincando com a sonorização, mas agora não só com a água. Usamos castanholas para representar o som do trote dos cavalos, um apito e um sino conforme o desenrolar do texto. O canto de trabalho¹¹ foi outro item que resolvemos utilizar durante nossa contação, e ele pode ser um grande tema para se trabalhar na sala de aula. A música escolhida para representar o canto das lavadeiras foi *Mandei Caiá Meu*

¹¹ “Em grupo, cantam e se movimentam nas batidas que dão ritmo ao trabalho, com braços que se movem, corpos que se dobram e desdobram, numa só voz e pulsação. O compasso marcado embala a todos num só golpe, música e trabalho tornando mais ameno o cotidiano, fazendo o tempo fluir e a dor ganhar a companhia da mão que bate, do corpo que vibra e da voz que canta.” (FONSECA, 2015, p. 11)

Sobrado. Tivemos como referência a versão do coral das Lavadeiras de Almenara do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, e utilizamos o refrão para a apresentação:

Mandei caiá meu sobrado
 Mandei, mandei, mandei...
 Mandei caiá de amarelo
 Caiei, caiei, caiei...
 (*Mandei Caiá Meu Sobrado*, autor desconhecido)

Finalizamos a contação recitando a última estrofe em conjunto para simbolizar a esperança presente no texto, de que é possível que o rio sujo volte a ser limpo novamente.

Da terceira margem,
 Eu choro por tudo
 E por todos.

Olho pros lados
 E não vejo mais ninguém.
 Só restaram cães e bonecas,
 Esperando, teimosos,
 Pelos que partiram.

Nas minhas dobras não sobrou
 Um peixe,
 Um sapo,
 Uma cobra,
 Ninguém pra contar a história.
 Hoje que conta a história
 Sou eu.

Eu fui um rio, um dia.

Flores nascem no deserto,
 A água brota na rocha
 E a luz, da escuridão,
 Serei um rio,

Um dia.
 (CUNHA, 2016, s.p.)

7.2 - Eu

Eu ganhei esse livro em um sorteio na internet, e desde que eu o recebi e o li pela primeira vez, imagino como preparar um contação de história em cima dele. Este é um livro de Paulo Tatit, publicado pela editora Melhoramentos, e conta com ilustrações de Walther Moreira Santos. O livro é baseado na música de mesmo título e autor, a música foi lançada pelo grupo Palavra Cantada¹² em 1998 no disco *Canções Curiosas*.

Figura 9 — Capa do livro “Eu”



Fonte: TATIT, 2014

O livro é narrado por uma criança que decide perguntar a seus pais onde eles nasceram. Os pais também contam a história de seus pais e avós. De um lado, a história da mãe, dos pompas gaúchas:

¹² “Música, brincadeira e educação andam juntas desde 1994, quando a Palavra Cantada foi fundada pelos músicos Sandra Peres e Paulo Tatit. A ideia é criar melodias, letras e arranjos originais, sempre de olho numa poética que respeite a inteligência e a sensibilidade das crianças. Qualidade e sucesso seguem o mesmo compasso. Desde a sua criação, a Palavra Cantada é premiada e elogiada pela crítica, graças a esse trabalho cuidadoso.” — disponível em <<http://palavracantada.com.br/quem-somos/>>

Eu... Perguntei pra minha mãe: — Mãe, onde é que ocê nasceu? — Ela então me respondeu que nasceu em Curitiba, mas que sua mãe, que é minha avó, era filha de um gaúcho que gostava de churrasco e andava de bombacha e trabalhava num rancho. E um dia bem cedinho foi caçar atrás do morro, quando ouviu alguém gritando: — Socorro, socorro! — Era uma voz de mulher... Então o meu bisavô, um gaúcho destemido foi correndo, galopando, imaginando o inimigo. E chegando num ranchinho já de supetão, derrubando tudo em volta, com o seu facão na mão. Para o alívio da donzela, que apontava, estupefata, para um saco de batata onde havia uma barata. E ele então se apaixonou... E marcaram casamento, com churrasco e chimarrão. E tiveram seus três filhos: minha avó e seus irmãos. E eu fico imaginando, fico mesmo intrigado, se não fosse uma barata, ninguém teria gritado. Meu bisavô nada ouviria e seguiria na caçada. E eu não teria bisavô, bisavó, avô, avó, pai, mãe... Num teria nada. Nem sequer existiria. (TATIT, 2014, p. 5 - 24)

A seguir, a criança pergunta a história do pai, e ele conta sua história e de seus antepassados no sertão da Bahia:

Perguntei para o meu pai: — Pai, onde é que ocê nasceu? — Ele então me respondeu que nasceu lá em Recife, mas seu pai, que é o meu avô, era filho de um baiano que viajava no sertão e vendia coisas como roupa, panela e sabão. E que um dia foi caçado pelo bando do lampião, que achava que ele era da polícia um espião. E se fez a confusão... E amarraram ele num pau pra matar depois do almoço, e ele então, desesperado, gritava: — Socorro! — E uma moça apareceu, bem no último instante, e gritou pra aquele bando: — Esse rapaz é comerciante! — E com muita habilidade, ela desfez a confusão. E ele então deu-lhe um presente, um vestido de algodão. E ela então se apaixonou... Se aquela moça esperta não tivesse ali passado, ou se não se apaixonasse por aquele condenado... Eu não teria bisavô, nem bisavó, nem avô, nem avó, nem um pai pra casar com a minha mãe. (Ibid, p. 27 - 44)

A criança ainda continua contando: “Então eu não contaria essa história familiar, pois eu nem existiria, pra poder cantar. Nem pra tocar violão...” (Ibid, p. 47)

Para mim, não é necessário fazer essa contação como se uma criança estivesse narrando. Podemos assumir o papel da personagem e afirmar que essa é a nossa história. As crianças ficarão muito curiosas e consequentemente estarão muito mais focadas e animadas para ouvir a contação. Essa é uma ótima história para trabalharmos as nuances da voz, nos gritos de socorro ou quando a mãe ou o pai falam.

Penso também que seria interessante o uso de adereços. Começamos a contação entrando com um baú, dizendo que dentro deste baú estão vários itens deixados pelos seus antepassados. Esses itens são os adereços que usaremos durante a história. Para o bisavô

materno, retiramos do baú uma camisa, um colete, um lenço e um chapéu. Uma vassoura pode ser uma grande aliada para representarmos um cavalo. É importante lembrar que não precisamos nos apoiar em 100% do que está escrito no livro.

Em “Foi correndo, galopando, imaginando o inimigo” (TATIT, 2014, p. 13) podemos contar para as crianças qual foi o pensamento que esse gaúcho estava tendo, quais seriam esses inimigos? Será que ele estava pensando em um dragão? Era apenas uma barata, que você pode mostrar para as crianças tanto uma barata de brinquedo ou apenas um desenho recortado de uma barata.

“Não teria bisavô...” (Ibid, p. 24 e 44) . Aqui é o momento ideal para ir colocando dentro do baú todos os adereços usados até então, servindo muito bem para as duas vezes na qual essa frase se repete, onde indica a reflexão do narrador sobre que se não fosse por um grito de ajuda, ele não existiria.

O bisavô paterno era um baiano que vendia coisas. Você pode tirar de dentro do baú alguns produtos que ele vendia, como descrito no livro: roupas, panelas e sabão. E na hora que o bando do lampião chega, podemos vestir um chapéu de cangaceiro e uma espingarda de brinquedo. Mostre também o vestido de algodão que a avó recebeu de presente.

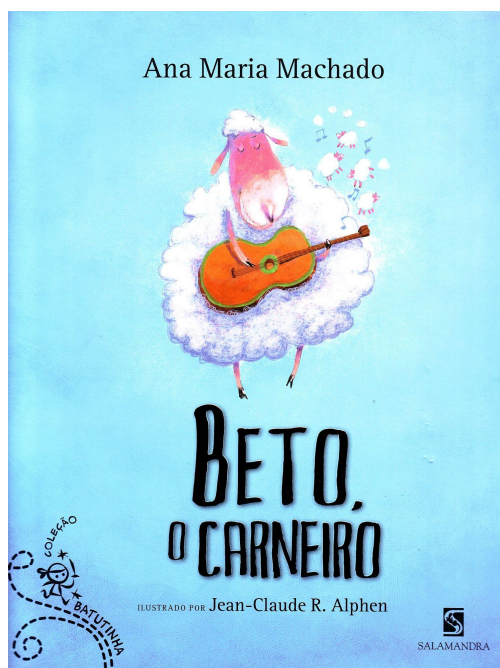
Ao final da história você pode colocar a música *Eu* da Palavra Cantada e ouvir juntamente com as crianças, e se você toca algum instrumento musical pode acompanhar durante a música. Esse momento de escuta é super importante para que as crianças possam fazer uma apreciação musical. Podemos levantar algumas discussões sobre quais instrumentos tem na música, se ela é rápida ou lenta, e até mesmo puxar um gancho para outras músicas da Palavra Cantada.

Essa história pode ser um gatilho para uma pesquisa sobre a história da origem das crianças, onde elas podem perguntar para os pais ou avós de onde eles vieram e qual a história de vida deles.

7.3 - Beto, o carneiro

Beto, o carneiro da Ana Maria Machado (2010). Assim que eu peguei esse livro, na biblioteca da escola¹³ na qual trabalhava durante a elaboração deste estudo, vi um grande potencial para uma possível contação de história. É um livro muito musical, tanto na história como na forma que o texto foi escrito.

Figura 10 — Capa do livro “Beto, o carneiro”



Fonte: MACHADO, 2010.

A história se inicia com a insatisfação que o carneirinho Beбето tinha em sempre obedecer a tudo que seu pastor mandava. Inconformado, quando seu mestre o chama para cortar o cabelo, Beбето foge do rebanho e sobe a montanha. Como lá no alto era tudo calmo e lindo, ele resolveu virar uma nuvem. Ele viajava para vários lugares, mas de vez em quando o vento chegava e mudava a direção, e Beбето mais uma vez se via insatisfeito por não poder ir onde queria. Enquanto o vento levava a nuvem-carneiro por cima do mar, Beбето viu a espuma que as ondas do mar formavam, e ele não perdeu tempo e fez chover, e assim caiu no mar se tornando uma espuma. Como espuma, o carneirinho vivia uma vida tranquila, mas um dia ele queria passear na praia, mas a onda não permitiu, pois só poderia quando a maré

¹³ Colégio Oswald de Andrade - Unidade Girassol, localizado na R. Girassol, 898 - Vila Madalena/SP

estivesse cheia. E mais uma vez Bebeto fugiu, desta vez para a praia. Lá, ele encontrou uma carneirinha negra que estava chorando por não ter outros amigos carneiros. Bebeto se comoveu ao vê-la chorar e achou que o melhor seria voltar a ser carneiro para poder fazer amizade com a carneirinha Memélia. Eles começaram a conversar, brincar, cantar e ficaram muito amigos e felizes. Os carneirinhos foram viajar pelo mundo tocando violão e cantando. Mesmo não ganhando muito dinheiro eles se divertiam, usavam os penteados que queriam, e estavam sempre usando roupas coloridas, enfeites e colares, e ninguém mais sabia se eles eram pretos ou brancos. No final da história, Bebeto e Memélia se casaram e tiveram muitos filhos. Eram carneirinhos brancos, negros e malhados, todos felizes e brincalhões. “Muito felizes por serem só carneirinhos. E todo mundo gostava deles” (MACHADO, 2010, p. 29).

Antes de tudo, quero lembrar vocês que esse é apenas um exemplo de como trabalhar a contação. Sinta-se à vontade para reproduzir, adaptar ou até mesmo criar sua própria contação.

A primeira coisa que imaginei ao ler a história foi criar uma música com claves rítmicas¹⁴, que no final se juntarão em uma grande música. Por si só, as claves são ótimas para trabalharmos com as crianças ritmos que possuem ostinatos bem definidos como o samba, maracatu, coco, etc.

Começamos pelo “*Bééé-bééé-to*”, pronunciado pelo pastor e pela carneirada quando chamavam por Bebeto. Aqui podemos interpretar a voz do pastor e pedir ajuda de algumas crianças para que façam os outros carneiros. Isso pode ser ótimo para as crianças experimentarem diferentes densidades do som, e é importante que o contador chame atenção para essas diferenças sonoras.

Em seguida, pensei que pudesse ser divertido sonorizar o movimento de subir e descer a montanha que o carneirinho fazia ao fugir do seu grupo. Para isso podemos utilizar algum metalofone ou xilofone, deslizando para as notas agudas (subindo a montanha) e deslizando para as notas graves (descendo a montanha). Como acabei de dizer, podemos trabalhar com as crianças conceitos de grave e agudo.

Logo, o som dos carneiros vai se dissipando, enquanto Bebeto ia se distanciando de seu mestre. E assim, podemos trabalhar os conceitos de intensidade do som (volume mais alto e mais baixo).

¹⁴ Claves rítmicas é um termo utilizado por musicistas, principalmente pelos percussionistas. Esse termo se refere a um ostinato, que é um padrão rítmico que são repetidos ciclicamente e por alguma pulsação constante.

Assim que Beбето se transforma em nuvem, nos deparamos com uma nova personagem: o vento. Para fazer o vento, pensei em tentar reproduzir o som com a boca: um assobio mais soproso. Para isso, assobio colocando um pouco mais de pressão no ar, com a língua relaxada e a boca um pouco mais aberta que um assobio comum. É bem legal — tanto para as crianças quanto para nós, adultos — tentar reproduzir os sons da natureza com a boca. De quais outras maneiras podemos representar o som do vento com a boca? E como seria o som da nuvem branca e macia?

Ao passar por cima do mar, nosso carneirinho resolve que quer se transformar em espuma. Antes dele se transformar em espuma, ele, que agora é uma nuvem, faz chover e cai no mar, completando assim sua transformação. Há inúmeras maneiras de representar sonoramente a chuva. Optei por usar instrumentos de percussão que remetem ao sons da água, nesse caso o pau de chuva. Uma boa ideia para isso, é confeccionarmos com as crianças alguns pequenos paus de chuva (anexo fotos de como produzir o pau de chuva).

Agora, como espuma, podemos representar os sons do mar e das ondas. O *ocean drum* pode ser um grande aliado para nossa representação, para as ondas mais calmas (tocar com menos intensidade) e para ondas mais agitadas (tocar com mais intensidade).

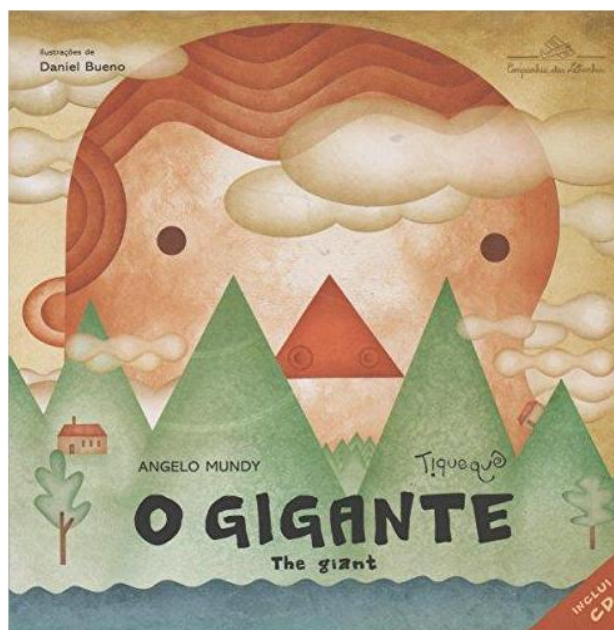
A próxima parte que seria interessante de sonorizar é quando Beбето e Memélia estão brincando de chamar um ao outro, usando as mesmas técnicas que utilizamos no início da história: “Bééé-bééé-to... Mééé-mééé-lia...”.

Há um trecho no livro que conta que os amigos carneirinhos cantavam e dançavam. Ana Maria Machado escreve qual a música que eles estavam cantando: “Carneirinho, carneirão, neirão, neirão... Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão...” (MACHADO, 2010, p. 25). Essa é uma cantiga popular do infantil e pode também ser trabalhada com as crianças. A partitura está no Apêndice I.

Para finalizar nossa contação, cantamos mais uma vez a música de Beбето e Memélia que acabamos de ouvir, só que dessa vez criando um grande baile, utilizando as outras sonoridades que foram reproduzidas durante toda a contação. E nesse baile podemos disponibilizar para as crianças diversos tipos de tecidos, colares, enfeites, máscaras e chapéus para que elas possam, juntamente com Beбето, dançar, cantar e se divertir!

7.4 - O Gigante

Figura 11 — Capa do livro “O gigante”



Fonte: MUNDY, 2015.

O livro escrito por Angelo Mundy (2015) conta a história de Teotônio Parrudo Garrido Golias Galante Lacerda Pedroso Peixoto Cardoso Carvalho Cabral Cavalcante, um gigante “do passo grande, do nome enorme, da barriga de elefante, do ronco de alto-falante, do espirro que dava medo!” (MUNDY, 2015, s/p). Escolhi esse livro por, assim como *Eu*, se tratar de uma canção que virou livro e mostrar que podemos contar histórias através de canções. Minha sugestão é contar a história para as crianças e em seguida ouvir a música *O Gigante*, gravada pelo grupo *Tiquequê*, que é uma música muito conhecida e amada entre as crianças da escola onde trabalho.

Durante a entrevista com Angelo Mundy, também, perguntei sobre o processo de criação da música, que mais tarde se tornaria livro. Ele conta que compôs a música em 2009, durante uma viagem. O tema na época era sobre um homem que saiu de barco para navegar. Ao mostrar para uma amiga começaram a pensar que a melodia que estava cantando não remetia a um homem que estava navegando, mas sim a alguma coisa misteriosa e assustadora. E assim começou a rascunhar a letra de *O Gigante*. Quando a letra estava quase pronto, Angelo apresentou a música para seus alunos da Escola Viva. Segundo ele, as crianças ficaram maravilhadas e curtiram muito. E ele foi tocando diversas vezes para seus alunos

enquanto terminava de escrever a música. Já finalizada, a música foi gravada em três versões diferentes pelo grupo Tiquequê: no álbum *Tiquequê*, no DVD *Tu Toca o Quê?*, e no álbum *Era uma vez um gigante*.

Na época da gravação do CD, Angelo conta que conheceu uma amiga que trabalhava na editora Companhia das Letrinhas¹⁵, e que a partir desse encontro surgiu também um projeto para lançar a história dessa música em formato de livro. Depois de ter o livro escrito, Angelo convidou seu pai para traduzir seu livro para a língua inglesa. Seu pai topou, mas por a tradução ter ficado complexa, a editora chamou o tradutor Caetano Galindo que já possuía mais familiaridade com a tradução de textos infantis.

Durante o processo de tradução com seu pai, descobriram que a melodia da música *O Gigante* era na verdade uma inspiração inconsciente de uma música que Angelo escutava na sua infância, trazida em uma fita, por seu pai. A música se chama *The Ants Go Marching*, e conta a história de um grupo de formigas que marcham para debaixo da terra se escondendo da chuva. Angelo diz que há muitas semelhanças na melodia da introdução de *O Gigante* e *The Ants Go Marching*. E conta também que as semelhanças também estão, de certa forma, na estrutura, já que ambas as músicas possuem estruturas acumulativas.

Penso em trabalhar a interpretação musical que além de apenas aprender a cantar a música, as crianças poderão elaborar um arranjo para ela. Em um arranjo há muitas coisas para serem trabalhadas, como a pulsação, exploração e escolha dos instrumentos musicais, melodia, forma, etc. E por que não levar as crianças até a biblioteca da escola para escolherem algum livro para musicar? Caso a escola em que você trabalhe não tenha biblioteca, você pode levar alguns livros para que as crianças possam escolher.

¹⁵ A Companhia das Letrinhas é o departamento responsável pela edição de livros de literatura infantil da editora Companhia das Letras.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre as possibilidades de utilizar a contação de histórias como ferramenta pedagógico-musical.

O primeiro passo foi debulhar e analisar textos e trabalhos que discutem sobre a contação de histórias, a educação musical e a contação de histórias integrada à educação musical. Foi descoberto que a contação de histórias é uma arte que está presente na sociedade desde muito tempo antes dos livros, e até mesmo da escrita. O contador teve uma função fundamental na construção das sociedades, e isso só foi possível através da oralidade.

“Contação de histórias” é um termo muito abrangente, que pode estar presente quando um pai conta uma história para seu filho e também em uma performance com um profissional da área. Mas em ambas situações, a contação de histórias é uma forma mais descontraída e lúdica da aprendizagem, além de ser um impulsor para o desenvolvimento da imaginação.

Pudemos perceber que a contação de histórias traz muitos benefícios para as crianças. O desenvolvimento da imaginação, as formas de lidar com as situações e dificuldades da vida, as descobertas dos sentimentos, a identidade pessoal, a apropriação da linguagem e da expressão e o incentivo à leitura são alguns desses benefícios.

Paralelamente ao estudo bibliográfico, foram realizados questionários com professores. De acordo com as respostas, pôde-se perceber que a contação de histórias está presente no dia a dia dos alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Sendo assim, entendemos que é muito importante que a contação de histórias esteja presente nas escolas, principalmente para as crianças da Educação Infantil e Fundamental I, tendo em vista que esse é o período em que elas estão desenvolvendo o imaginário e a alfabetização. É importante criar um espaço para a contação de histórias nas escolas. Um espaço que seja acolhedor, atendendo as demandas específicas de cada grupo. É necessário que haja uma preparação para a história e não apenas uma leitura de algum livro aleatório — o que também é muito bem-vindo no ambiente escolar. Se apropriar e ter uma intenção é fundamental para o desenrolar da história. O papel do educador-contador é conseguir conduzir e trazer a atenção das crianças durante as histórias. A atenção é um ponto importante a ser trabalhado com as crianças dessa idade. É fundamental que as crianças desenvolvam a habilidade da escuta. Escutar o outro e saber que todos devem ter direito à fala.

Assim como na contação de histórias, a música e a escuta estão totalmente conectadas. Esse pode ser um dos indícios de que é possível criar uma integração entre a educação musical e a contação de histórias. A música e a contação de histórias são artes, e ambas podem ser usadas como recursos para sua execução. Ou seja, é possível utilizar a música durante a contação de histórias, assim como é possível contar uma história através de uma música. Como observamos durante as entrevistas, essa afirmação foi consenso entre os entrevistados participantes deste trabalho.

A contação de histórias, nesse contexto, passa a ser utilizada como ferramenta pedagógico-musical, e ela pode ser usada de diversas maneiras. Dependendo do livro escolhido pelo educador, pode-se pensar em diversos elementos musicais que se adequem à história. Vários pontos podem ser trabalhados como a atenção, as associações, a memória, o repertório, a análise crítica, a exploração sonora, a sonorização, a entonação vocal, a criação, entre muitos outros.

A parte final do trabalho foi reservada para alguns exemplos práticos — testados ou não — de como construir a ponte entre a educação musical e a contação de histórias. Quatro livros infantis foram analisados e tiveram suas histórias planejadas para alguns trabalhos musicais de acordo com suas especificidades, confirmando mais uma vez que é possível integrar a música e a contação de histórias.

8.1 Trabalhos futuros

Infelizmente não houve tempo suficiente para criar o caderno de apoio que foi pensado no começo do desenvolvimento deste trabalho. O esboço do caderno que estava sendo desenvolvido está disponível no Apêndice I. O anseio por continuar desenvolvendo este caderno ainda existe e penso em seguir nessa mesma linha de pesquisa. Parte da redação presente nessa monografia estaria presente nestes cadernos e teria uma adaptação de linguagem para algo mais pessoal e direto.

Inicialmente penso em dois materiais distintos:

- **Educação Musical Através da Contação de Histórias**

Com o mesmo título deste trabalho, esse caderno seria utilizado como material de apoio para professores de educação musical que buscam novas ferramentas para o ensino da música, principalmente na área de iniciação musical e musicalização

infantil. Por se tratar de um livro criado para educadores musicais é possível a elaboração de partituras musicais para exemplificar algumas ideias sonoras durante as demonstrações das contações de histórias.

- **Contação de Histórias Através da Música**

Para este caderno a linguagem seria outra. No lugar de partituras nos exemplos de contação de história, poderia ter exemplos auditivos, para melhor compreensão das ideias. As atividades musicais seriam mais detalhadas, por se tratar, muitas vezes, de um público leigo sobre a educação musical.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BUSATTO, Cleomari. **Narrando histórias no século XXI - tradição e ciberespaço**. 2005. Orientadora: Profa. Dra. Alai Garcia Diniz. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102929/221665.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 dez. 2021.

CUNHA, Leo. **Um dia, um rio**. Ilustrações de André Neves. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

Estória ou história? *In*: Infopédia. Porto: Porto Editora, c2003-2021. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$estoria-ou-historia](https://www.infopedia.pt/$estoria-ou-historia). Acesso em: jul. 2021.

FONSECA, Edilberto José de Macedo - **Sonoros ofícios: cantos de trabalho: circuito 2015/2016**. – Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015. Disponível em https://www2.sesc.com.br/wps/wcm/connect/798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968/catalogo%2BSonora%2BBrasil_Cantos%2BOficios.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=href&CACHEID=798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968. Acesso em: ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOÊS, Maria Cecília Rafael de. **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de histórias. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>. Acesso em: fev. 2021.

KREÜTHER, Franz Pereira. **A magia da tradição oral: o contador de histórias**. 1998. Disponível em: http://www.nuted.ufrgs.br/oficinas/oficinas/criacao/O_Contador_de_Historias.pdf. Acesso em: jul. 2021.

MACHADO, Ana Maria. **Beto, o carneiro**. Ilustrações de Jean-Claude R. Alphen. Coleção Batutinha. São Paulo: Salamandra, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (Cefor). Qual o papel dos Professores Especialistas? *In*: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Federal do Espírito Santo. Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância (Cefor). **Perguntas Frequentes**. Vitória: MEC/IFES/CEFOR, [s.d.].

MUNDY, Angelo. **O gigante**. Ilustrações de Daniel Bueno. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

NUNES, Diogo Conrado; SILVA, Paula Julliana de Castro. contação de história como ferramenta pedagógica musical: um relato de experiência. *In*: ANAIS DO I CONARTES - CONGRESSO DE ARTES, ENSINO E PESQUISA DO SEMIÁRIDO NORDESTINO, JUAZEIRO, 1, 2019, Juazeiro. **Anais do I CONARTES - Congresso de Artes, Ensino e Pesquisa do Semiárido Nordeste, Juazeiro**. Juazeiro: UNIVASF, 2019. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/cartes/conartes/anaeis-do-i-conartes/artigos/a-contacao-de-historia-a-como-ferramenta-pedagogica-musical-um-relato-de-experiencia-diogo-conrado-nunes-e-paula-julliana-de-castro-silva>. Acesso em: mar. 2021.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra escrita**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

Palavra Cantada. **Quem somos**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://palavracantada.com.br/quem-somos/>. Acesso em: ago. 2021

POLIVALENTE. *In*: PRIBERAM dicionário. Lisboa: Priberam Informática, 2021. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/polivalente>. Acesso em: 22 dez. 2021.

PORTES, Bruno; MULLER, Cristiane, NETO, Nicolau Clarindo Paulo. **A contação de história como recurso didático no ensino de música**. REDIVI - Revista de Divulgação Interdisciplinar, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/redivi/article/view/5103>. Acesso em: mar. 2021.

SANTOS, Ana Cláudia Merlotto. **Contadores de histórias e a educação infantil**. 49 f. Monografia – PEDAGOGIA. Fernandópolis, 2019. O texto publicado foi encaminhado por Ana Cláudia Merlotto Santos por meio do canal colaborativo Monografias do site Brasil Escola. Disponível em: <https://monografias.brasilestela.uol.com.br/arte-cultura/contadores-de-historias-e-a-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. **Reflexões sobre a arte de contar histórias**. Revista Educação Pública, v. 20, nº 5, 4 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>. Acesso em: jul. 2021.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco. **O que é a “quarta parede”?** São Paulo, 28 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.spescoladeteatro.org.br/noticia/o-que-e-quarta-parede>. Acesso em: ago. 2021.

TATIT, Paulo. **Eu**. Ilustrações de Walther Moreira Santos. Coleção Palavra Cantada. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

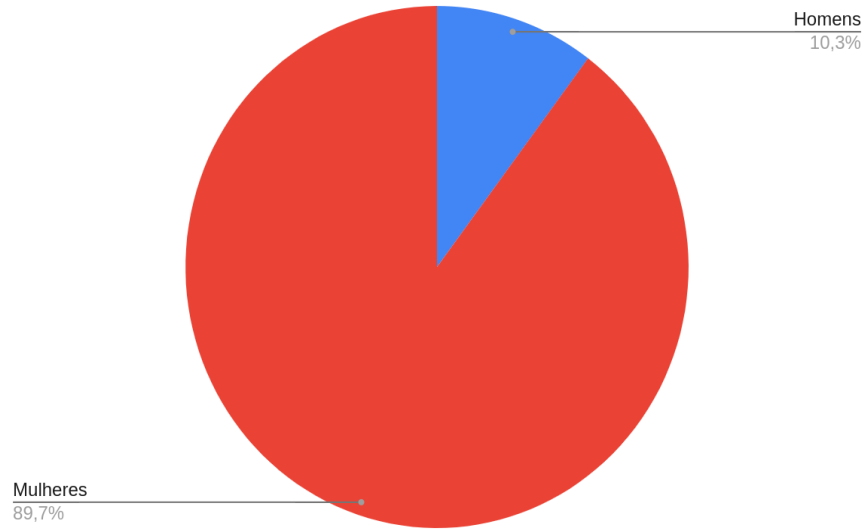
ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICE A — ROTEIRO DOS QUESTIONÁRIOS

- 1 - Nome
- 2 - Há quanto tempo você trabalha como educador?
- 3 - Você trabalha como educador polivalente ou especialista?
 - a. Polivalente
 - b. Especialista
- 4 - Você trabalha atualmente como educador?
 - a. Sim
 - b. Não
- 5 - Trabalho/trabalhei em uma instituição...
 - a. Pública
 - b. Privada
- 6 - Dou/dei aulas para alunos Ensino...
 - a. Infantil
 - b. Fundamental I
 - c. Fundamental II
 - d. Médio
- 7 - O que é contação de histórias para você?
- 8 - Você costuma/costumava contar histórias para seus alunos?
 - a. Sim
 - b. Não
 - c. Às vezes
- 9 - A prática musical está presente no dia a dia dos seus alunos?
 - a. Sim
 - b. Não
 - c. Às vezes
- 10 - Você acredita que é possível integrar música e contação de histórias?
 - a. Sim
 - b. Não
 - c. Talvez
- 11 - Justifique sua resposta de acordo com sua experiência.
- 12 - Termo de Consentimento
 - a. Autorizo
 - b. Não autorizo

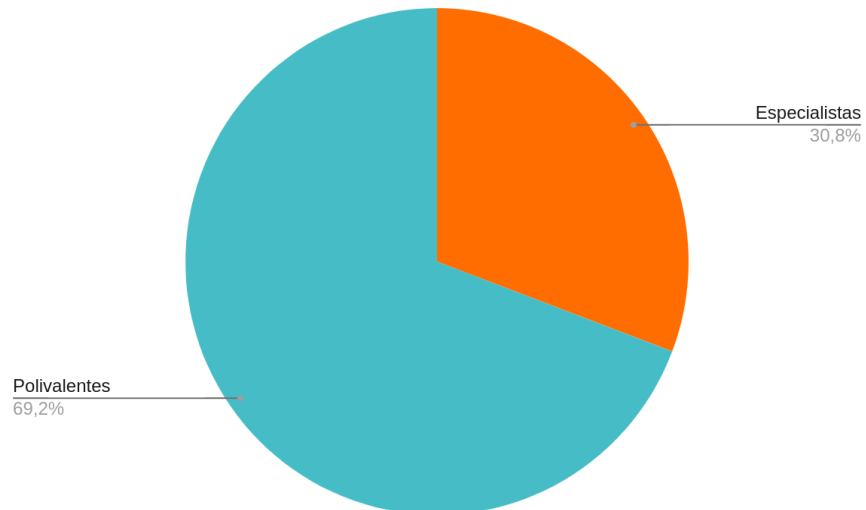
APÊNDICE B — GRÁFICOS DOS QUESTIONÁRIOS

Gráfico 1 — Homens X Mulheres

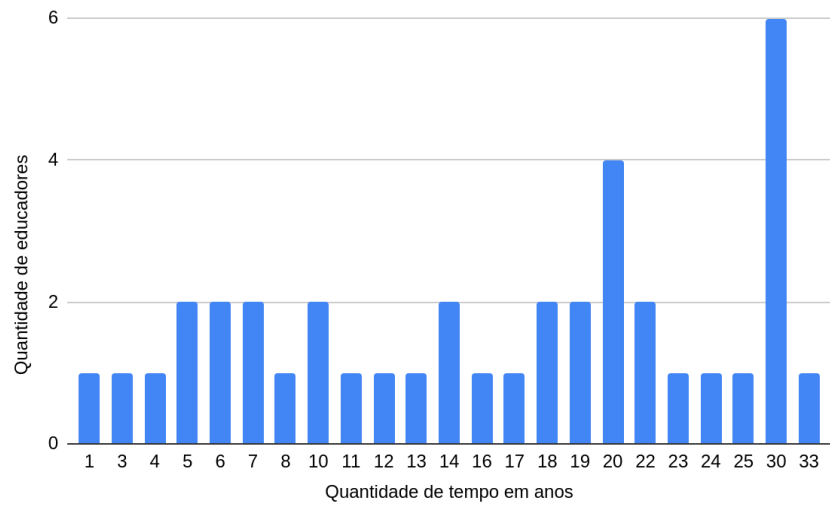


Fonte: Elaborado pelo autor

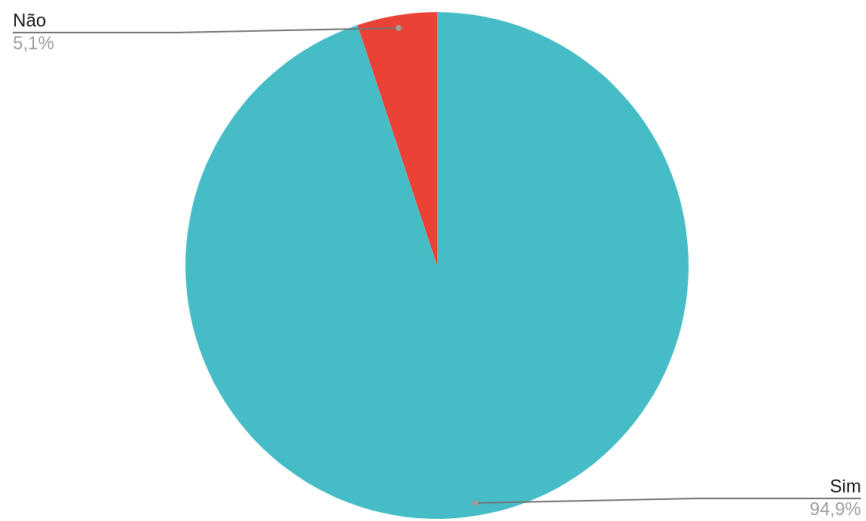
Gráfico 2 — Especialistas X Polivalentes



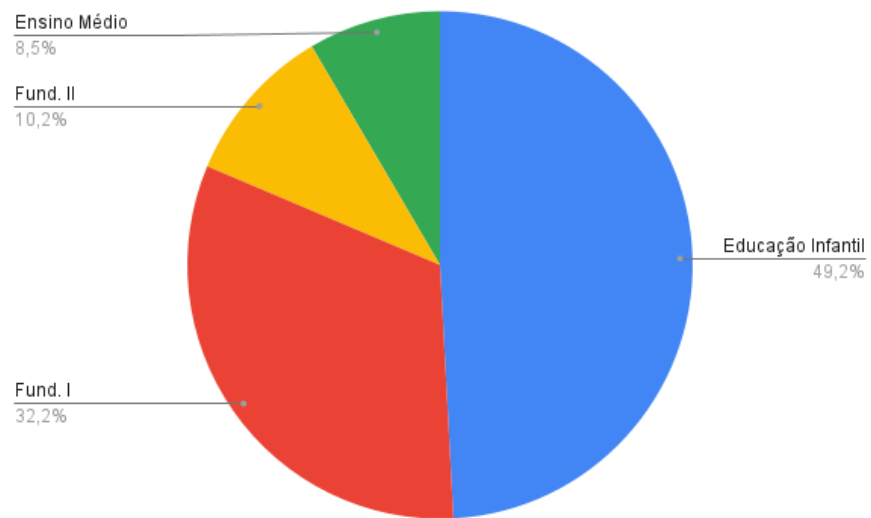
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 3 — Há quanto tempo trabalha como educador?

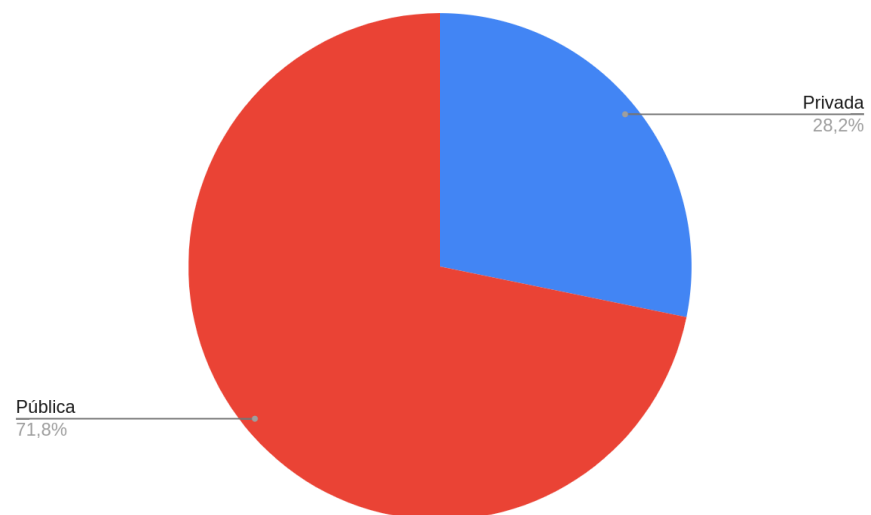
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 4 — Trabalha atualmente como educador?

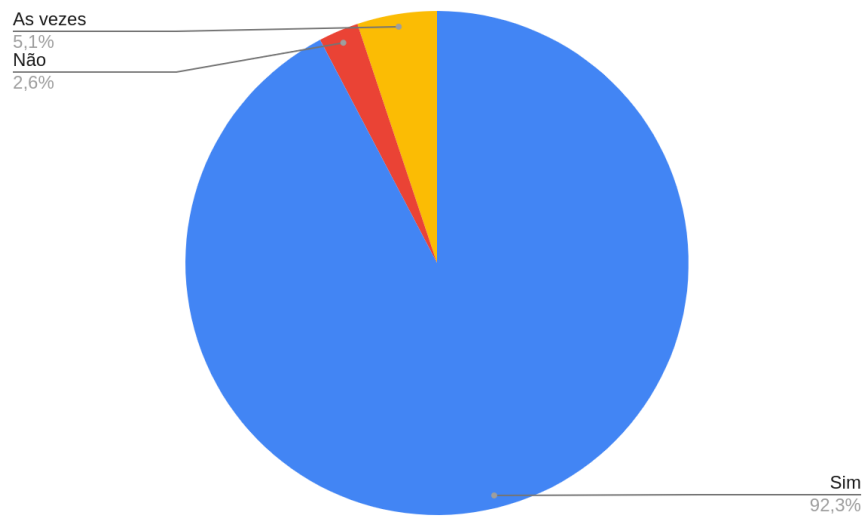
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 5 — Nível de Ensino

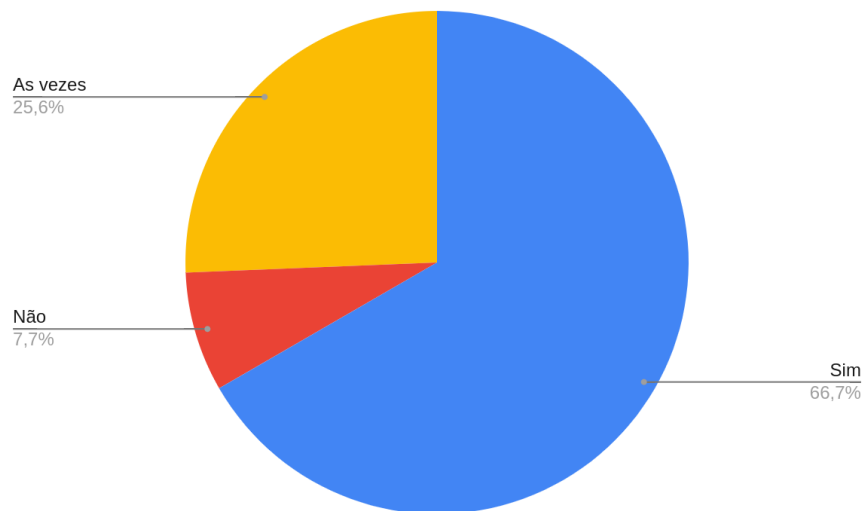
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 6 — Pública X Privada

Fonte: Elaborado pelo autor

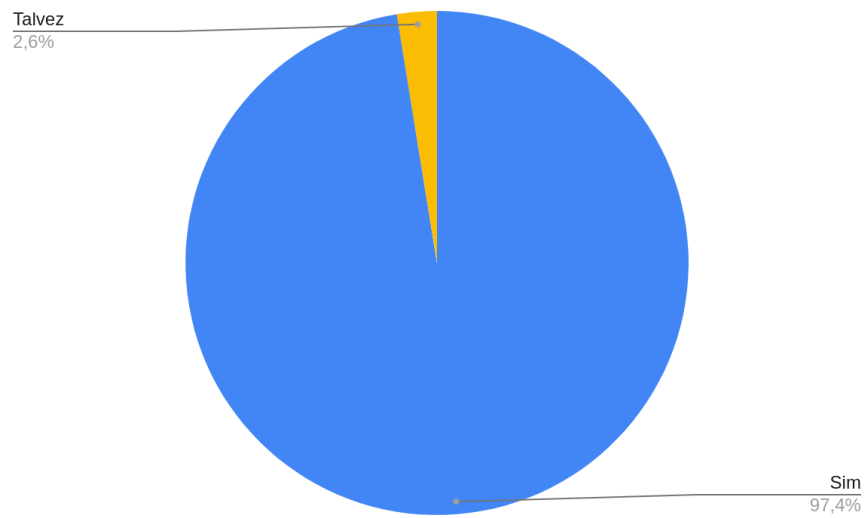
Gráfico 7 — Costuma contar histórias?

Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 8 — A prática musical está presente no dia a dia dos alunos dos entrevistados?

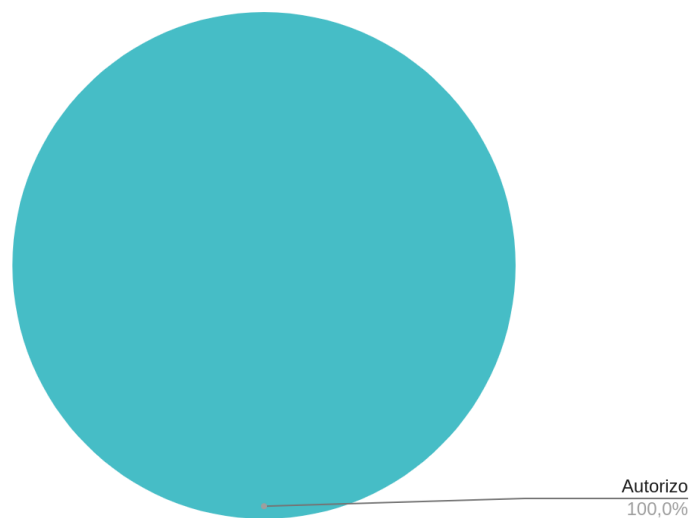
Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 9 — É possível integrar música e contação de histórias?



Fonte Elaborado pelo autor

Gráfico 10 — Termo de consentimento



Fonte: Elaborado pelo autor

APÊNDICE C — TERMOS DE CONSENTIMENTO — QUESTIONÁRIO

Eu AUTORIZO o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

- ☐ Autorizo
- ☐ Não autorizo

APÊNDICE D — ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1 - Conte um pouco sobre seu trabalho.
- 2 - Qual o objetivo do seu trabalho?
- 3 - Você possui experiência como educador no ensino formal?
- 4 - O que é contação de histórias?
- 5 - Você se considera um contador de histórias?
- 6 - Você acredita que é possível integrar música e contação de histórias?
- 7 - E integrar a educação musical e contação de histórias?
- 8 - Quais elementos musicais você acredita que são possíveis de trabalhar através da contação de histórias?
- 9 - É possível contar histórias através de canções?

APÊNDICE E — TERMO DE CONSENTIMENTO — ENTREVISTAS

Figura 12 — Termo de consentimento - Entrevistas



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”



Instituto de Artes

Termo de Consentimento – Coleta de Dados para TCC

Eu, _____,

portador(a) do RG _____, residente no endereço _____,

entendo os propósitos acadêmicos, os procedimentos metodológicos e os objetivos desta pesquisa realizada por _____,

_____, portador(a) do RG _____,

residente no endereço _____,

_____,

aluno(a) do Curso de _____ do

Instituto de Artes da UNESP situado à Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 - Barra Funda, São Paulo/ SP, CEP 01140-070.

AUTORIZO, portanto, o uso dos resultados obtidos nesta entrevista para fins de pesquisa. AUTORIZO, também, a divulgação pública dos resultados deste trabalho e entendo que os mesmos não serão usados para fins lucrativos.

São Paulo, ____ de ____ de 20 ____

Assinatura: Sujeito da Pesquisa

Assinatura: Promotor(a) da Pesquisa

Assinatura: Coordenador(a) do CCBM/LeM

Instituto de Artes – Seção de Graduação – www.ia.unesp.br Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 – 01140-070 – Barra Funda / São Paulo
Tel 11 3393-8536 marli@ia.unesp.br

Fonte: <<https://www.ia.unesp.br/#!/ensino/graduacao/cursos/musica/aacc-tcc/tcc/>>

APÊNDICE F — CONTAÇÃO DO LIVRO *UM DIA, UM RIO*

Para acessar os vídeos, basta apontar a câmera de seu smartphone para o QR Code abaixo, ou se preferir utilize o link que está na fonte.

QR CODE 1 — A nossa contação do livro "Um dia, um rio"



Fonte: <<https://youtu.be/KEK16NK9qmk>>

QR CODE 2 — Entrevista - Projeto de contação "Um dia, um rio"



Fonte: <<https://youtu.be/sNpgIc5EzK0>>

APÊNDICE G — PARTITURA — EU ERA MELODIA...**Figura 13** — Partitura — Eu era melodia...**Eu era melodia...**

Um dia, Um rio

Mateus Albuquerque

♩ = 60

4

8

11

Fonte: Elaborado pelo autor

APÊNDICE H — PARTITURA — CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

Figura 14 — Partitura — Carneirinho, carneirão

Carneirinho, Carneirão

Domínio Público

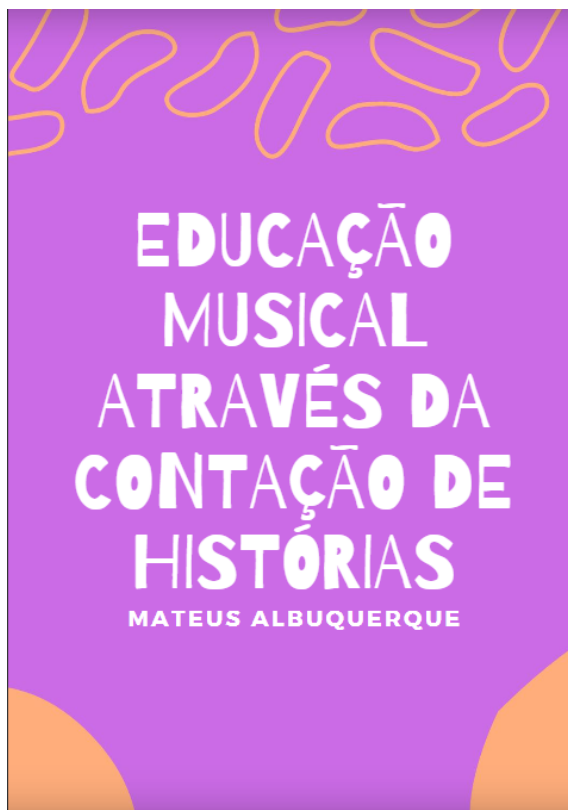
Car-nei - ri - nho, car - nei - rão, nei - rão, nei - rão o - lhai pro

3
céu o - lhai pro chão, pro chão, pro chão

Fonte: Elaborado pelo autor

APÊNDICE I — ESBOÇO DO CADERNO DE APOIO

Figura 15 — Esboço da capa



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 16 — Esboço da contracapa



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 17 — Esboço do capítulo *Colocando em prática a contação de história dos livros infantis*



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 18 — Esboço do desenvolvimento do capítulo *Colocando em prática a contação de história dos livros infantis*

LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil, é por muitas vezes deixada de lado por “não tratar de assuntos que possam ser complexos”. Mas ao contrário do que muitos pensam, a literatura infantil não é única e exclusivamente ludicidade, ela trata assuntos “adultos” com uma forma mais acessível para as crianças. Depois de algum tempo pensando qual dos — infinitos — livros infantis eu traria para esse caderno, decidi que seria *Beto, o carneiro* da Ana Maria Machado. Assim que eu peguei esse livro, na biblioteca da escola em que estou trabalhando, vi um grande potencial para uma possível contação de história. É um livro muito musical, tanto na história como na forma que o texto foi escrito. Mas antes de contar um pouco das ideias que tive durante a leitura desse livro, vou explicá-los um pouco sobre o que é a história.

A história se inicia com a insatisfação que o carterinho Beбето tinha em sempre obedecer tudo que seu pastor mandava. Inconformado, quando seu mestre o chama para cortar o cabelo, Beбето foge do rebanho e sobe a montanha. Como lá no alto era tudo calmo e lindo, ele resolveu virar uma nuvem. Ele viajava para vários lugares, mas de vez em quando o vento chegava e mudava a direção, e Beбето mais uma vez se via insatisfeito por não poder ir onde queria. Enquanto o vento levava a nuvem-carneiro por cima do mar, Beбето viu a espuma que as ondas do mar formavam, e ele não perdeu tempo e fez chover, e assim caiu no mar se tornando uma espuma. Como espuma, o carterinho vivia uma vida tranquila, mas um dia ele queria passear na praia, mas a onda não permitiu, pois só poderia quando a maré estivesse cheia. E mais uma vez Beбето fugiu, desta vez para a praia. Lá, ele encontrou uma carterinha negra que estava chorando por não ter outros amigos carneiros. Beбето se comoveu ao vê-la chorar e achou que o melhor seria voltar a ser carneiro para poder fazer amizade com a carterinha Memélia. Eles começaram a conversar, brincar, cantar e ficaram muito amigos e felizes. Os carterinhos foram viajar pelo mundo tocando violão e cantando. Mesmo não ganhando muito dinheiro eles se divertiam, usavam os penteados que queriam, e estavam sempre usando roupas coloridas, enfeites e colares, e ninguém mais sabia se eles eram pretos ou brancos. No final da história, Beбето e Memélia se casaram e tiveram muitos filhos. Eram carterinhos brancos, negros e malhados, todos felizes e brincalhões. “Muito felizes por serem só carterinhos. E todo mundo gostava deles” (MACHADO, 2010, p. 29).



(Figura 1 — Capa do livro *Beto, o carneiro* de Ana Maria Machado)

Fonte: Elaborado pelo autor